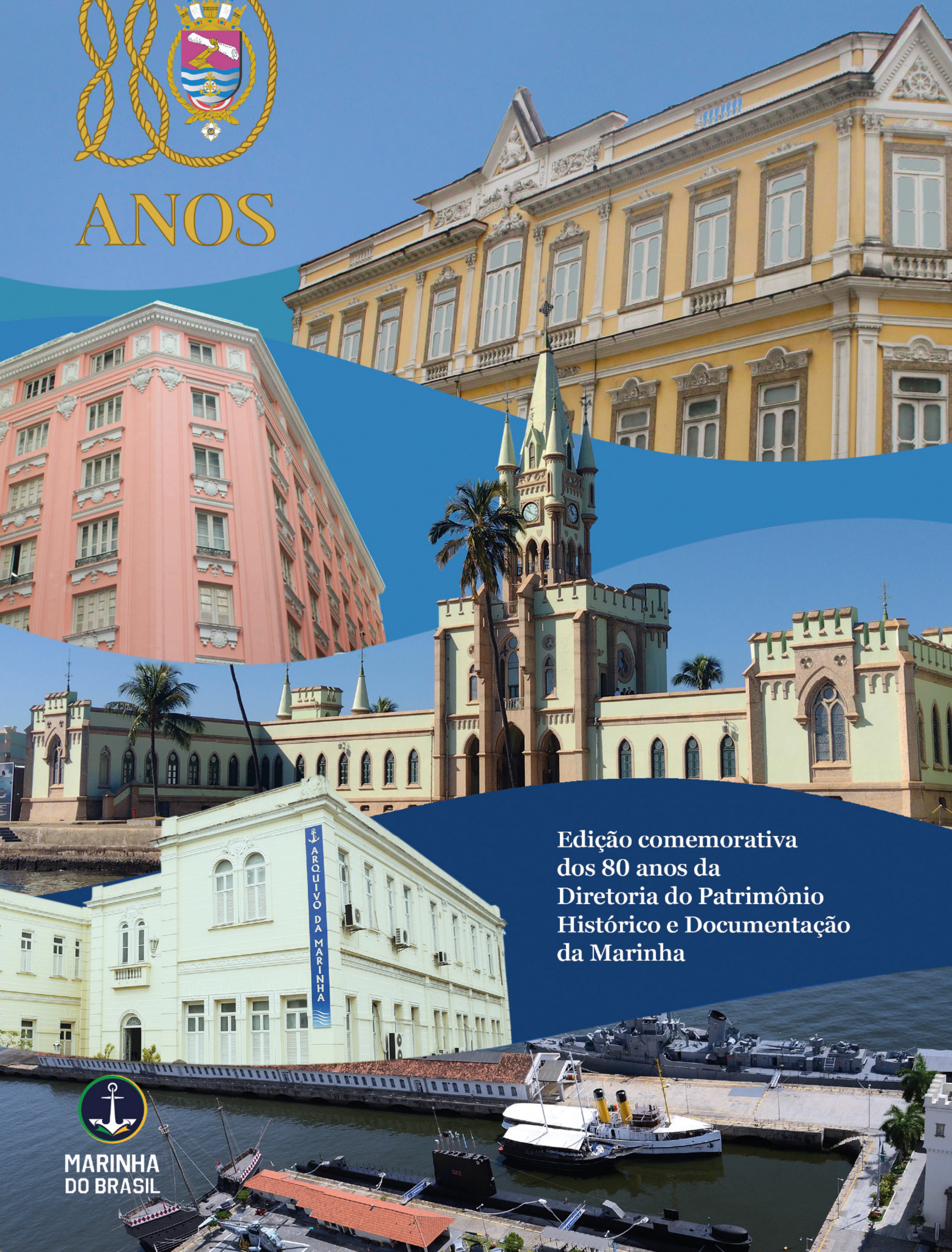


ANOS



Edição comemorativa
dos 80 anos da
Diretoria do Patrimônio
Histórico e Documentação
da Marinha



MARINHA
DO BRASIL





Comandante da Marinha

Almirante de Esquadra Marcos Sampaio Olsen

Chefe do Estado-Maior da Armada

Almirante de Esquadra José Augusto Vieira da Cunha Menezes

Secretário-Geral da Marinha

Almirante de Esquadra Eduardo Machado Vazquez

Diretor do Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha

Vice-Almirante (RM1) José Carlos Mathias

Chefe do Departamento de Publicações e Divulgação

Capitão de Mar e Guerra Jefferson Oliveira de Almeida







DPHDM 80 ANOS

Preservar a memória para construir a História.

1943 — 2023

Rio de Janeiro

2023



MUSEU NAVAL

Museu Naval



*"Cultura. Eis a bandeira que norteia
as ações da DPHDM ao longo de
suas oito décadas de existência"*

**VICE-ALMIRANTE (RMI) JOSÉ CARLOS MATHIAS,
DIRETOR DA DPHDM**

Cultura. Eis a bandeira que norteia as ações da Diretoria do Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha (DPHDM) ao longo de suas oito décadas de existência.

Conduzindo com “máquinas adiante toda força” esta belonave cultural em sua missão de salvaguardar e dar visibilidade à memória histórica e institucional da Marinha do Brasil, e de fomentar o desenvolvimento de uma consciência marítima na sociedade, orgulho-me em ter o contato diário com um corpo técnico-profissional de peso nas áreas de Arqueologia, Arquivologia, Biblioteconomia, História e Museologia. Suas *expertises* dão vida a cada acervo preservado.

Para que esse trabalho especializado apareça, a DPHDM conta com a sinergia e o afincamento de uma tripulação aguerrida e comprometida, que não mede esforços para que o público que nos procura tenha uma experiência única, que alia saber e entretenimento.

Toda essa gente, de ontem e de hoje, que fez e faz girar diuturnamente as engrenagens desta Diretoria, com empenho e paixão, são a essência desta obra comemorativa, que “preserva a memória para construir a história” desta singradura vitoriosa de 80 anos.

Irmanados em torno de um propósito comum, os militares, servidores públicos e colaboradores aqui representados nestas páginas registram nossa gratidão aos ex-Diretores e tripulações do passado, que se colocaram à disposição para que toda sorte de pessoas pudesse usufruir da vasta gama de experiências e conhecimentos oferecidos pela DPHDM, seja por meio de exposições, seminários, palestras e debates sobre os acervos da Marinha sob sua tutela, seja pela realização de eventos e projetos educativo-culturais, seja pelo atendimento dos mais variados tipos de pesquisa.

Uma história, portanto, de muitos rostos e escrita por numerosas mãos.

Viva a DPHDM! Boa leitura! ■





*“Fui apresentada a uma Diretoria singular,
cheia de histórias, de sabores, de cheiros
e de muitas sensações e emoções”*

**CAPITÃO DE MAR E GUERRA (T) PATRÍCIA TORRES,
VICE-DIRETORA DA DPHDM**

Quando fui designada para assumir o cargo de Vice-Diretora da DPHDM, levei um imenso susto. Qual poderia ser a minha contribuição, enquanto assistente social, a uma Diretoria que tem como missão preservar o patrimônio histórico e cultural, divulgá-lo e fomentá-lo?

Aqui cheguei, em 9 de maio de 2022, cheia de expectativa e receios... E encontrei rostos e olhares acolhedores e amistosos, que me diziam: "Seja bem-vinda, você vai ser muito feliz aqui!". Fui apresentada a uma Diretoria singular, cheia de histórias, de sabores, de cheiros e de muitas sensações e emoções. Cada dia na DPHDM é ímpar, com seus desafios. Como é desafiador trabalhar com a cultura, e com a preservação da memória! Sinto-me grata pela oportunidade de estar aqui para comemorar esses 80 anos que foram permeados por muitas conquistas, fruto do trabalho incansável de nossos Diretores,

de nossos profissionais altamente qualificados e apaixonados por suas profissões e de nossa guarnição aguerrida e intemorata!

Hoje, compreendo que, ao ser designada para servir na DPHDM, o que estava em cena não era o que eu poderia contribuir com esta Diretoria, mas o quanto esta Diretoria tinha a me ensinar!

Tentar expressar em palavras a DPHDM é restringir a imensidão desta Diretoria, possível de se identificar em seus números, em suas produções. A DPHDM está aqui para ser experienciada seja na Biblioteca, seja no Arquivo, seja no Espaço Cultural, seja no Museu Naval.

Nós estamos aqui para orientar tecnicamente as demais organizações militares no fomento à preservação dos acervos e da documentação e à divulgação da história da nossa Marinha.

Sim, sinto-me muito feliz por ter tido a oportunidade de estar fazendo parte da história dessa jovem senhora, no auge dos seus 80 anos. À DPHDM, a minha mais respeitosa continência! ■

Relação de Diretores e Vice-Diretores

1943 a 1953 — SDM

Diretores:

CMG (RRm) Dídio Iratim Afonso da Costa: 1943 a 1952
CA (RRm) Augusto Pereira: 1952 a 1953

1953 a 1994 — SDGM

Diretores:

CA (RRm) Cesar Augusto Machado da Fonseca:
1953 a 1962
VA (RRm) Levy Araújo de Paiva Meira: 1962 a 1975
CA (IM) José Martins de Aguiar: 1975 a 1976
CA Paulo Guilherme Brandão Padilha: 1976 a 1977
CMG (RRm) Max Justo Guedes: 1977 a 1994

Vice-Diretores:

CMG Max Justo Guedes
CMG (IM) Oscar Mattoso Maia Forte
CF (RRm) Wander Amoroso Wang
CMG Antonio Luiz Sampaio Fernandes
CMG Hydio Carrão da Cunha Pinto
CMG (IM) Ronaldo Gabeira Ferreira
CMG Sergio Henrique Lyra Barbosa
CMG Sidnei Augusto de Oliveira
CMG Paulo Cesar Laudares dos Santos
CMG Hideo de Oliveira Miyoshi

1994 a 1997 — SDM

Diretor:

CMG (RRm) Max Justo Guedes: 1994 a 1997

Vice-Diretor:

CMG Hideo de Oliveira Miyoshi

1997 a 2008 — DPHCM

Diretores:

CMG (RRm) Max Justo Guedes: 1997 a 1998
CA Max Justo Guedes: 1998 a 2003
VA (RM1-EN) Armando de Senna
Bittencourt: 2003 a 2008

Vice-Diretores:

CMG José Luiz de Souza Batista
CMG Fernando Cesar Diogo de Alcântara
CMG Fernando Cabral

CF José Grizinski Filho

CMG (T) Júlio Cesar Marcondes Knust

CMG (T) José Ribamar Cutrim Gomes

CF Alexandre Sovieiro

1997 a 2008 — SDM

Diretores:

CMG José Carlos Cardoso: 1997 a 1999
CMG Ricardo dos Santos: 1999 a 2000
CMG Cláudio Rogério de Andrade Flôr: 2000
CMG Antonio Carlos Gesteira Leite de Mattos
(interino): 2000
CMG Paulo Roberto Oliveira Mesquita Spränger:
2000 a 2003
CMG Luiz Henrique de Azevedo Braga: 2003 a 2005
CMG Francisco Eduardo Alves de Almeida:
2005 a 2007
CMG Joaquim Arinê Bacelar Rego: 2007
CMG (T) Edina Laura Costa Nogueira da Gama:
2007 a 2008

Vice-Diretores:

CMG Hideo de Oliveira Miyoshi
CMG Antônio Carlos Gesteira Leite de Mattos
CF Cesar Christianes da Silva
CF Alexandre Sovieiro
CMG (T) Edina Laura Costa Nogueira da Gama
CMG (T) Mônica Hartz Moitrel

2008 a 2023 — DPHDM

Diretores:

VA (RM1-EN) Armando de Senna Bittencourt:
2008 a 2016
VA (RM1) José Carlos Mathias: 2016 a 2023

Vice-Diretores:

CMG (T) Edina Laura Costa Nogueira da Gama
CMG (T) Mônica Hartz Moitrel
CMG Alexandre Sovieiro
CMG (T) Carlos Fernando Corbage Rabello
CMG (T) Regina Boanerges Siqueira
CMG (T) Fábio Bittencourt Quirino
CF (T) Maria da Glória de Sant'Anna Silva (interina)
CMG (T) Patrícia Aparecida Torres de Lima





	10	Introdução Histórica
ACERVO Departamento de Museologia	18	
	26	ACERVO Departamento de Arquivos da Marinha
ACERVO Biblioteca da Marinha	34	
	42	CONTEÚDO Departamento de História
CONTEÚDO Departamento de Publicações e Divulgação	48	
	56	CONTEÚDO <i>Revista Marítima Brasileira</i>
GESTÃO Departamento de Administração	64	
	70	GESTÃO Departamento de Meios Navais
CULTURA Gerência de Visitação	80	
	86	CULTURA Tecnologia da Informação
CULTURA Assessorias Cultural e de Organização	88	
	94	CULTURA Ilha Fiscal



*Arquivo da
Marinha, no subsolo
do prédio Almirante
Tamandaré, na
década de 50*



O INÍCIO



INTRODUÇÃO

histórica

A Diretoria do Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha foi criada com a denominação de Serviço de Documentação da Marinha em 8 de junho de 1943, pelo Decreto-Lei nº 5.558, quando nossos navios de guerra e marinheiros lutavam na Batalha do Atlântico. O estabelecimento na estrutura organizacional da Marinha do Brasil de uma organização militar dedicada ao registro da História Marítima e consolidação da Memória Institucional da Força Naval em plena Segunda Guerra Mundial, em um momento de mobilização máxima do aparato militar brasileiro, corrobora a pertinência do lema adotado por esta Diretoria: “Preservar a Memória para Construir a História”.

Contudo, a trajetória desta Diretoria, que guarda a história da Marinha do Brasil por meio de peças, livros, cartas náuticas e documentos preservados em seu acervo, está firmemente assentada sob as bases de organizações militares centenárias que nasceram separadas, como a Biblioteca da Marinha (BM), criada em 1846, a *Revista Marítima Brasileira (RMB)*, em

atividade desde 1851 (revista marítima mais antiga do mundo), e o Museu Naval (MN), criado em 1868 para reunir a memória material da campanha naval empreendida durante a Guerra da Tríplice Aliança.

A Biblioteca da Marinha tem como seu acervo original o reunido pelo Depósito de Escritos da Academia Real dos Guardas-Marinha, biblioteca criada em 1º de abril de 1802, que veio para o Brasil em 1808 quando a Academia dos Guardas-Marinha, escola profissional que formava os oficiais da Marinha de Portugal e origem da Escola Naval, acompanhou a transferência da monarquia portuguesa para o Rio de Janeiro. Por ocasião da criação da Biblioteca da Marinha, em 17 de outubro de 1846, seu acervo foi instalado em prédio do Arsenal de Marinha da Corte, lá permanecendo até o ano de 1881 quando foi transferida para a Rua Conselheiro Saraiva.

No ano de 1851 era impressa a *Revista Marítima Brasileira*, com sua linha editorial voltada à preservação de nossa história e à discussão de assuntos afetos à Marinha.

O INÍCIO





Tendo como seu primeiro redator o então Primeiro-Tenente Sabino Eloy Pessoa, auxiliado, entre 1852-54, pelo Tenente Giacomo Raja Gabaglia. A revista deixou de circular em 1855. Em 1881, é reeditada por iniciativa do Primeiro-Tenente José Egídio Garcez Palha, então encarregado da Biblioteca da Marinha, agora como revista institucional do Ministério da Marinha e mantendo como redator-chefe o Conselheiro do Império Sabino Eloy Pessoa.

No ano de 1868, no intuito de preservar os feitos e glórias da Marinha e de passar às gerações futuras o testemunho de gratidão àqueles que serviram à pátria com dedicação e heroísmo com, muitas vezes, sacrifício da própria vida, foi criado o Museu Naval, inaugurado em 1884. Para isso conta com a colaboração do então Inspetor do Arsenal de Marinha da Corte, o Chefe de Divisão Arthur Silveira da Motta, o Barão de Jaceguai, tendo como sua primeira sede um prédio dentro daquele estabelecimento.

Essas três instituições (Biblioteca da Marinha, *RMB* e *MN*) foram reunidas, em 1890, sob direção única (com sede na Rua Conselheiro Saraiva), ocasião em que foram abertas suas portas ao público em geral. A elas foi incorporado, no ano de 1907, o Arquivo da Marinha, que por sua vez tem origem quando da criação, em 1834, do Cartório da Contadoria dentro da estrutura organizacional do

Arsenal de Marinha da Corte, com a missão de servir como arquivo geral dos livros e papéis de todas as estações de arrecadação da Marinha; ficando assim criada a Diretoria da Biblioteca, Museu e Arquivo da Marinha, com sede no Edifício do Almirantado na Rua Dom Manuel, 15. Devido à falta de espaço físico na nova sede, parte do acervo do Arquivo da Marinha continuou no prédio da Rua Conselheiro Saraiva, permanecendo nesse endereço até 1914.

Essa estrutura teve curta duração. Em 1931, o Arquivo da Marinha foi desmembrado e, em 1932, o Museu Naval foi extinto e parte de seu acervo recolhida ao recém-criado Museu Histórico Nacional. O acervo da Biblioteca e parte do acervo museológico e de arquivo que permaneceram na Marinha foram removidos para o prédio do Ministério da Marinha.

Em 1937, na estrutura organizacional do Estado-Maior da Armada, foi criada a Divisão de História Marítima do Brasil, idealizando a criação de uma nova organização naval que reunisse a Biblioteca, o Arquivo Histórico (responsáveis pela guarda de livros e documentos), o Departamento de História Marítima (voltado para a pesquisa e análise dos fatos históricos) e a *Revista Marítima Brasileira* (destinada à divulgação). Assim, em 8 de junho de 1943, nasceu o Serviço de Documentação da Marinha, diretamente subordinado ao Ministro



da Marinha e com a finalidade de conservar a história da Marinha.

O Museu Naval e o Arquivo da Marinha completaram os alicerces estruturais quando passaram a integrar o Serviço de Documentação da Marinha em 1953, por meio do Decreto nº 32.273, de 18 de fevereiro, que também alterou a denominação para Serviço de Documentação Geral da Marinha. Em 1994, foi retomado o nome de Serviço de Documentação da Marinha.

O constante aumento do acervo histórico e cultural da Marinha, aliado ao desenvol-

vimento da mentalidade de preservação da memória nacional, fundamentou a necessidade de se alocar instalações adequadas ao funcionamento da organização. Longo foi o caminho do modesto canto de andar do Edifício Almirante Tamandaré até a ocupação total do prédio da Rua Dom Manuel, nº 15, ocorrido em 1972.

No ano de 1984, a administração naval decidiu ampliar as instalações do Serviço de Documentação Geral da Marinha para melhor disposição do patrimônio. Para isso, o antigo prédio da Odontoclínica da Marinha, na entrada da Ilha das Cobras, passou a alojar os Departamentos de Biblioteca, de Arquivos e de História. Na Rua Dom Manuel, permaneceram o Museu Naval, os Departamentos de Administração e de Publicações e Divulgação. A partir de 1994, novas instalações foram transferidas à responsabilidade do redesignado Serviço de Documentação da Marinha: o Espaço Cultural da Marinha,

O constante aumento do acervo histórico e cultural da Marinha, aliado ao desenvolvimento da mentalidade de preservação da memória nacional, fundamentou a necessidade de se alocar instalações adequadas ao funcionamento da organização.

1. Instalações do Arquivo da Marinha no prédio Almirante Tamandaré na década de 50;

2. Exposição no Museu Naval na década de 70;

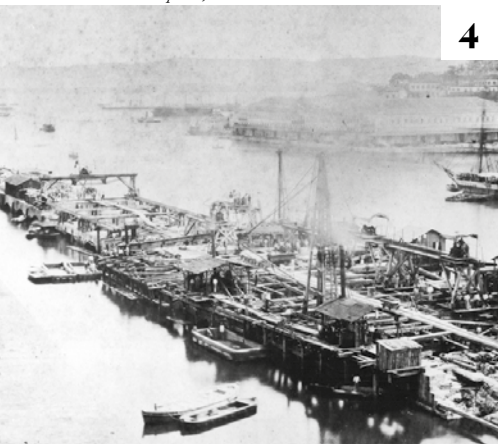
3. Departamento da Revista Marítima na década de 70;

4. Construção das Docas da Alfândega;

5. Espaço Cultural da Marinha na década de 90;

6. Navio-Escola Sagres no Espaço Cultural da Marinha na década de 90.

Reprodução

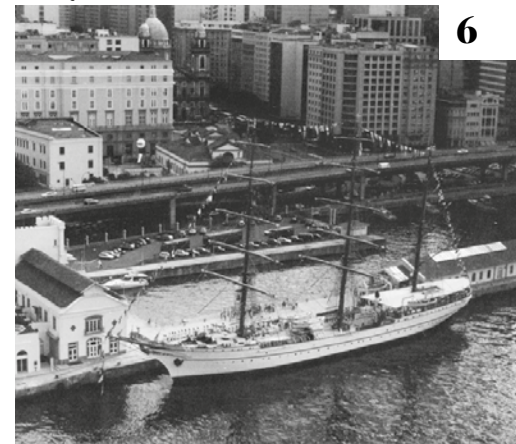


4



5

Fotos: Arquivo da Marinha



6

a Ilha Fiscal, o prédio da Rua Mayrink Veiga (onde foi instalada a Biblioteca da Marinha), além dos meios navais.

Em 10 de julho de 1997, pela Portaria Normativa nº 199 do Ministro da Marinha, e com base na orientação normativa para a preservação da História da Força, foi criada a Diretoria do Patrimônio Histórico e Cultural da Marinha, tendo um almirante como titular. O Serviço de Documentação da Marinha passou a ter um capitão de mar e guerra como diretor. Em 1º de julho de 2008, o Comandante da Marinha, por meio da Portaria nº 209, extinguiu a Diretoria do Patrimônio Histórico e Cultural da Marinha e alterou a denominação do Serviço de Documentação da Marinha para Diretoria do Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha, tendo um almirante como titular da nova organização militar. ■

*Em 10 de julho de 2008,
o Comandante da
Marinha extinguiu a
Diretoria do Patrimônio
Histórico e Cultural da
Marinha e alterou a
denominação do Serviço
de Documentação da
Marinha para Diretoria
do Patrimônio Histórico
e Documentação
da Marinha.*



Contra-Almirante (Honorário)

Max Justo Guedes:

Patrono da Cultura da Marinha

Natural do Rio de Janeiro, o Almirante Max foi um intelectual de destaque internacional, considerado um dos maiores especialistas da Cartografia Luso-Brasileira. Consolidando-se como um dos expoentes da cultura brasileira, participou da organização e expansão das atividades e aparelhos culturais do então Serviço de Documentação Geral da Marinha (SDGM), atual Diretoria do Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha (DPHDM), onde atuou como Vice-Diretor e Diretor durante cerca de trinta e cinco anos.

Em sua extensa carreira, contribuiu com a sociedade brasileira no desenvolvimento da mentalidade marítima. Dentre suas obras, a mais relevante, talvez, seja criação, organização e edição da coleção História Naval Brasileira, publicada desde 1975 pelo antigo SDGM, para a qual escreveu diversos capítulos.



3



4

Ainda planejou e coordenou a reabertura do Museu Naval, no ano dos festejos do Sesquicentenário da Independência do Brasil (1972); a restauração do Forte de Santo Antônio da Barra (Salvador, BA) e a criação do museu nele instalado; o Museu da Caravela (Campinas, SP); a criação dos navios-museu Submarino-Museu Riachuelo, Rebocador Laurindo Pitta e Navio-Museu Bauru; e a criação e posterior ampliação do Espaço Cultural da Marinha nas antigas Docas da Alfândega do Rio de Janeiro e as novas instalações culturais na Ilha Fiscal, tornando-a um dos principais pontos turísticos da cidade do Rio de Janeiro.

O Almirante Max Justo Guedes faleceu no dia 5 de novembro de 2011, aos 84 anos, em São João del-Rei (MG), deixando um legado intelectual, científico e cultural que segue como referência fundamental para pesquisadores que se dedicam ao estudo da Cartografia e de temáticas afetas à História Marítima e Naval do Brasil. Por seus feitos, o Contra-Almirante (Honorário) Max Justo Guedes foi instituído, pela Portaria nº 241, de 10 de agosto de 2023, do Estado-Maior da Armada, como Patrono da Cultura da Marinha, estabelecendo o dia 6 de agosto, data de seu nascimento, como o Dia da Cultura da Marinha do Brasil.

1. O então Capitão de Mar e Guerra Max Justo Guedes realiza conferência durante o Curso A Marinha nas lutas da Independência em 1972;

2. Na exposição Guarany, 80 anos de carrancas em 1981;

3. Quadro exposto na Biblioteca da Marinha;

4. Em conferência no auditório do Museu Naval.

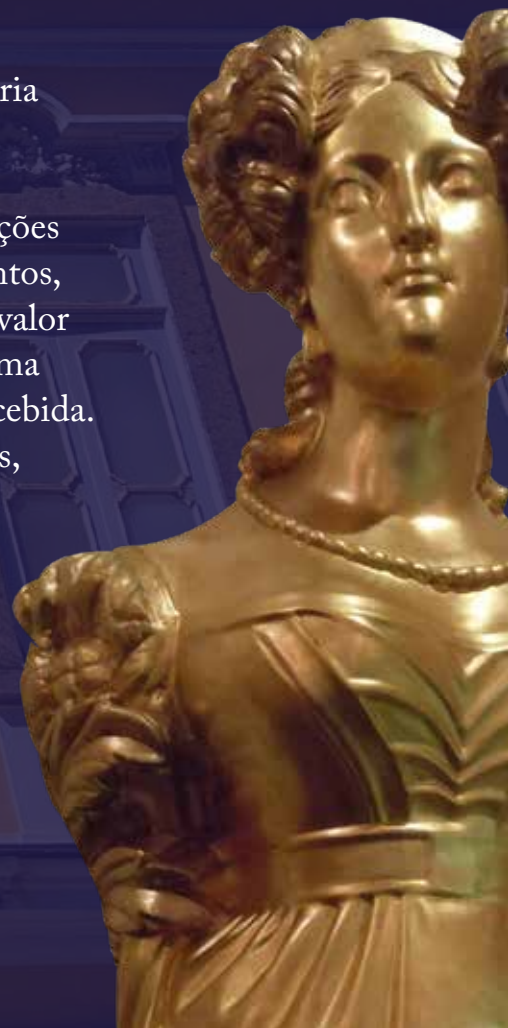


1



ACERVO

A DPHDM gerencia seu rico acervo cultural por meio do Departamento de Museologia, do Departamento de Arquivos e da Biblioteca da Marinha. Os militares e servidores públicos que trabalharam nesses locais no passado criaram as bases para a construção da memória marinha. Aqueles que se fazem presentes hoje em dia alimentam o patrimônio material e imaterial da Diretoria com a criação de normas técnicas, capacitações ou com a preservação e guarda de artefatos, documentos, mapas, cartas hidrográficas e obras raras de inegável valor histórico. Pode-se dizer que o acervo é a matéria-prima com a qual a missão institucional da Diretoria é concebida. Afinal, é a partir dessas fontes que nascem exposições, projetos de pesquisas, produtos editoriais e todas as formas de atrair o público militar e civil para a sede e sedes, apresentando aos visitantes os princípios da consciência marítima.



Departamento de
MUSEOLOGIA
DPHDM-10



Guardiã DO PASSADO

A Museologia torna tangível o empenho de verdadeiros combatentes, sejam aqueles que guerrearam no passado ou os que preservam o acervo no presente

Ao longo de sua existência, a Marinha do Brasil registrou uma parte importante da construção da identidade brasileira quando transformou em pintura as suas incursões e batalhas. Com isso, possibilitou que gerações compreendessem melhor as origens do Poder Naval. Conservar o acervo sob guarda da DPHDM e difundir o conhecimento por meio de exposições é o papel do carro-chefe do Departamento de Museologia, que utiliza técnicas museográficas e metodologias para melhor gerenciar e manter tais peças para a posteridade. Logicamente, outras necessidades surgiram com o tempo: antes, era apenas da conservação do acervo; hoje, trata-se

também da excelência no atendimento ao visitante, especialmente às escolas, e à possibilidade de potencializar o acesso às obras por meios virtuais. No entanto, tudo começou com o museu.

Um ponto de vista retrospectivo

O Museu Naval foi criado em 1868 por iniciativa do Visconde de Ouro Preto, durante a Guerra do Paraguai, com o intuito de preservar a memória da Marinha e como um testemunho de gratidão àqueles que serviram à pátria com dedicação e heroísmo. Contudo, sua inauguração só ocorreu 16 anos mais tarde, no Arsenal da Corte. De lá, mudou-se para a Rua Conselheiro Saraiva com a Biblioteca da Marinha e a *Revis-*



*Parte do circuito
expositivo do
Museu Naval*

Antigas instalações do Museu Naval, no andar térreo da sede da Diretoria da Biblioteca e Museu da Marinha, na Rua Conselheiro Saraiva, 10-12, Centro do Rio de Janeiro



Arquivo da Marinha

ta Marítima Brasileira. Em 1907, o museu foi transferido novamente, desta vez para o prédio do Conselho do Almirantado, com o Arquivo e a Biblioteca da Marinha. Permaneceu neste local até a mudança do acervo para a criação do Museu Histórico Nacional em 1922. O museu foi fechado mais uma vez à visitação e só reabriu em 1972, na Rua Dom Manuel nº15 — um edifício de estilo eclético construído em 1900, ocupado inicialmente por diversas repartições navais, entre elas o Clube Naval e a Escola de Guerra Naval (EGN). Ali instalou-se permanentemente e segue até o momento como sede da Diretoria do Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha (DPHDM).

Por cem anos, as idas e vindas das figuras de proa, uniformes, gravuras e outros artefatos militares deixaram patente a carência de conservar o acervo e de encontrar a forma de melhor expor este tesouro ao público. Era necessário profissionalizar a atividade e compor uma equipe técnica para atuar de forma mais contundente

O Museu Naval foi criado em 1868 por iniciativa do Visconde de Ouro Preto, durante a Guerra do Paraguai, com o intuito de preservar a memória da Marinha e como um testemunho de gratidão àqueles que serviram à pátria com dedicação e heroísmo.

te na conservação e difusão do patrimônio histórico e artístico da DPHDM. Para sanar esta deficiência, nasceu, então, o Departamento de Museologia, que teve sua origem no Departamento de Museu Naval e Oceanográfico do Serviço de Documentação Geral da Marinha (SDGM).

Perspectivas desafiadoras

A Museologia é responsável por preservar e expor os bens culturais, pela manutenção do

Garrafa com conecção. Navio Mercante Queen



Departamento de Museologia





acervo histórico, cultural e artístico da Diretoria, além de assessorar e fiscalizar tecnicamente a manutenção, a preservação e a exposição do acervo das demais organizações militares da Marinha do Brasil. Conta até o momento com aproximadamente 23 mil peças de diferentes tipologias, tais como medalhas e condecorações, indumentária, pinturas, gravuras, esculturas,

modelos navais, arqueologia subaquática, entre outras.

Dentre as atividades realizadas pelo departamento, estão a elaboração e divulgação de normas técnicas afetas à área, a promoção de exposições de longa e curta duração, além do intercâmbio cultural e técnico com diversos museus, associações e entidades afins para a reno-

Departamento de Museologia



Oficiais da Museologia em 2023. Da esq. para direita: Primeiro-Tenente (RM2-T) Luísa Moretti, Capitão de Corveta (T) Adriana Peixoto, Capitão de Fragata (T) Miriam Benevenuto, Capitão de Fragata (T) Patrícia Miquilini, Capitão de Corveta (T) Bárbara Lima e as Capitães-Tenentes Fernanda Deminicis e Sabrina Macêdo



1

DPHDM/ CT (RNR-T) Rômulo Coelho Lisboa



2



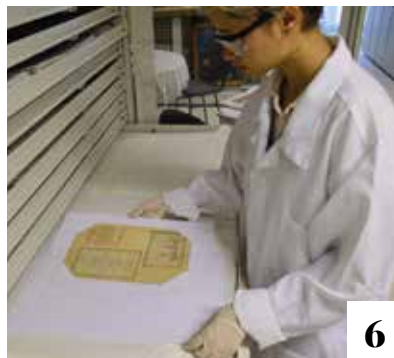
3



4



5



6



7

vação de conhecimento e, assim, para a partilha das melhores práticas de trabalho.

Nos primeiros anos, sua atuação era restrita à Diretoria; os técnicos em Museologia eram servidores públicos da Força e profissionais técnicos contratados mediante demanda. Entretanto, ao aumentar a esfera das suas ações para apoiar outras organizações militares, foi preciso ampliar o quadro de pessoal técnico com formação em Museologia. Então, em 2001, a Marinha do Brasil abriu o primeiro concurso para museólogo militar. Daí em diante, duas décadas de experiência e amadurecimento resultaram na reconfiguração do organograma da Museologia, subdividida nas divisões de Acervo Museológico, Exposições Museológicas e Divisão de Educação em Museus.

Bens tombados, exposições e público: os múltiplos olhares da Museologia

A Divisão de Acervo cuida da aquisição, documentação e conservação dos bens culturais sob guarda da DPHDM. Realiza assessoramentos e pareceres técnicos sobre a conservação do acervo museológico e de bens tombados, como prédios e objetos históricos, a exemplo do Edi-

1. Movimentação de acervo para exposição;

2. Desmontagem de exposição;

3. Higienização da Galeota Dom João VI;

4. Montagem da exposição temporária O Atlântico Sul na Construção do Brasil Independente;

5. Higienização de acervo em prata;

6. Acervo em papel acondicionado na mapoteca da Reserva Técnica;

7. Confeção de laudo de conservação e higienização da pintura Passagem de Humaitá (1871).



fício Tamandaré, do Sanatório Naval de Nova Friburgo e da Ilha Fiscal. Em julho de 2023, concluiu o projeto de transferência da Galeota *Dom João VI*, exposta na Ilha Fiscal.

Já a Divisão de Museografia (Exposições Museológicas) coordena e executa pesquisas e projetos de exposições itinerantes, de curta e de longa duração, estabelece e fiscaliza os procedimentos de segurança do acervo em exposição, além de realizar a montagem, a desmontagem e a manutenção de exposições. No momento, a Divisão está coordenando uma das suas maiores empreitadas já realizadas: o futuro Museu Marítimo do Brasil (MuMa).

Por fim, a Divisão de Educação em Museus desenvolve projetos para os diversos públicos-alvo e cria conexões entre a DPHDM e instituições com interesse em aprender nos espaços museais da Diretoria. Subordinado à Divisão, está o Setor Educativo, que busca facilitar a compreensão desses públicos sobre os assuntos abordados nas exposições. Seu trabalho consiste em estabelecer a interação no processo entre indivíduo e sociedade, valorizando as formas de fazer e viver a história e a cultura. Sua principal atividade é o *Projeto Escola*, que oferece aos estudantes da rede pública de ensino a visita mediada aos espaços expositivos e meios da DPHDM, com transporte e lanche.

*Entre teorias e práticas:
os novos desafios da Museologia*

Dentro da Marinha do Brasil, o Departamento de Museologia atua junto às diversas organizações militares traduzindo o significado e a importância da preservação e divulgação do seu patrimônio, com a disseminação de informações técnicas sobre a identificação, a conservação e a difusão de bens culturais. Para tanto, foi desenvolvida a publicação *Normas sobre a Gestão de Bens Culturais na Marinha do Brasil*

“Conquistei o meu melhor legado: meus amigos”

Paulo Cesar de Jesus
Suboficial Reformado

Por ocasião da comemoração desta data, agradeço à DPHDM, a qual prestei relevantes serviços, sempre norteado por profissionais de alicerçados valores morais, conduta ilibada, seriedade, e onde tive excelente relacionamento com os meus superiores, pares e subordinados.

Ao longo da minha trajetória naval, servi em inúmeras organizações militares. Mas a que me proporcionou um legado de conhecimento e profissionalismo foi o Serviço de Documentação da Marinha (SDM), que se transformaria na DPHDM. Foi aqui que deixei minha melhor contribuição à nossa gloriosa Marinha do Brasil, onde angariei o respeito de todos, mercê à dedicação e competência de profissionais que comigo trabalharam nos mais diversos eventos, encargos e funções. Assim, por dever e justiça, faço consignar-me o presente reconhecimento e engrandecimento dessa renomada instituição, a qual ao longo dos seus 80 anos vem não só formando excelentes profissionais nas áreas da ciência e cultura, como também vem prestando relevantes serviços à Força e, concomitantemente, à nação. Só tenho a agradecer a ‘minha’ DPHDM, por tudo que foi proporcionado a mim e minha família, onde conquistei o meu melhor legado: meus amigos.



Fotos: Departamento de Museologia



Atividades de Educação em Museus

A Museologia traduz para as organizações militares a importância da preservação e da divulgação do patrimônio com a disseminação de informações técnicas.

(SGM-501), que já se encontra na 5ª revisão. O documento versa para toda a Força conceitos e práticas em Museologia. E, para melhor ilustrar e detalhar os procedimentos, foram elaborados e disponibilizados, também para toda a instituição, quatro manuais técnicos: *Manual de Conservação Preventiva*; *Manual de Exposição de Bens Culturais*; *Manual de Ação Educativa em Museus* e *Manual de Gestão de Risco dos Bens Culturais*.

Ainda no âmbito interno da Força, o Departamento participa, desde de 2022, do Curso de Aperfeiçoamento Avançado em Gestão de Bens Culturais para Praças à Distância. A capacitação é destinada a segundos-sargentos aperfeiçoados em diversas especialidades e tem o objetivo de desenvolver competências técnicas de alto nível, necessárias para o trato com os bens culturais que compõem o acervo da Marinha.

Construir a memória institucional exige que muita gente se dedique. Ao contemplar uma peça de acervo, o visitante enxerga todo esse esforço, não há dúvidas. Mas também vê o empenho dos combatentes que fizeram sua parte pela Brasil enquanto nação. Objetos que são uma evidência tangível do impacto da guerra, de quanto se lutou pela paz e o quanto ela nos é preciosa. ■

AQUI SE FAZ
HISTÓRIA

“O acervo de qualidade e diversificado me possibilitou desenvolver os mais variados projetos”

Maria Augusta Evangelista Fernandes
Ex-Servidora Pública

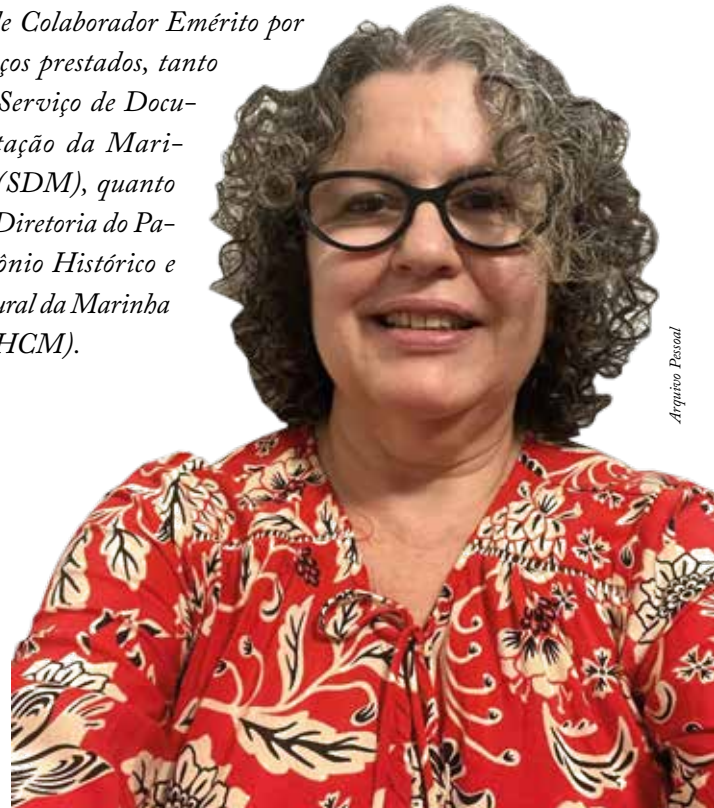
Trabalhar na Diretoria do Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha foi uma experiência extremamente gratificante. O contato com um acervo de qualidade e diversificado me possibilitou o desenvolvimento dos mais variados projetos. Dentre eles, destaca-se a restauração da Galeota Dom João VI, única e sem similar no continente americano, onde fiz prospecção estratigráfica e coordenação do restauro. Também fui responsável pela fiscalização da restauração da “Câmara do Almirante”, localizada no Edifício da Ilha Fiscal. Além disso, fui incumbida de escolher objetos decorativos para ornamentação da referida edificação, criteriosamente pesquisados.

Atuei, ainda, na restauração de obra pictórica de Dom Pedro II, bem como de sua moldura. Esse óleo sobre tela de 2 x 1,85 m pertence à Câmara Municipal de Itaguaí. Na ocasião, foi firmada uma parceria entre a Marinha do Brasil e a agência do Banco do Brasil da cidade, permitindo que este legado histórico fosse entregue ao povo brasileiro, em especial aos itaguaienses.

Fiz douramento e pátina envelhecida nos frontões e coroamento das portas do hall de entrada do Museu Naval. Também dediquei-me ao restauro da arca do Encouraçado São Paulo, em que foram executadas técnicas específicas para recuperação de madeira entalhada, couro gravado e metais. Também fui responsável pela escolha do centro de mesa e dos candelabros (estilo Dom

José) para o extinto Porta-Aviões São Paulo, todos confeccionados em prata de lei.

Em 2008, fui conferencista no Comitê Internacional dos Museus e das Coleções e de História Militar (ICOMAM) e coautora do texto As Figuras de Proa no Acervo da Diretoria do Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha. Quatro anos mais tarde, produzi para a Revista Marítima Brasileira (RMB), o texto A Ilha Fiscal, edição de outubro de 2012. Atuei como restauradora e Encarregada da Seção de Conservação e Restauração. Por fim, fui Encarregada da Seção de Manutenção de Exposições. Por duas vezes recebi a Medalha de Colaborador Emérito por serviços prestados, tanto pelo Serviço de Documentação da Marinha (SDM), quanto pela Diretoria do Patrimônio Histórico e Cultural da Marinha (DPHCM).



Arquivo Pessoal

Departamento de
ARQUIVOS DA MARINHA
DPHDM-30



PASSADO, PRESENTE E FUTURO EM UM MESMO banco de dados

*Sem deixar de lado
manuscritos, impressos,
fotos e filmes históricos,
o Arquivo da Marinha
completa 116 anos
vislumbrando a ampliação
da força de trabalho
a nível nacional*

O Arquivo da Marinha foi criado há 116 anos e destina-se à custódia, ao processamento técnico, à gestão, à conservação e ao acesso às informações contidas nos documentos produzidos no âmbito das organizações militares da Marinha do Brasil. É integrante do Sistema Nacional de Arquivos e reconhecido como Instituição Arquivística Pública pela Lei nº 8.159/1991.

Formado pelo departamento de mesmo nome, acompanha e implementa a Política



Nacional de Arquivos no âmbito da Força, de acordo com as legislações em vigor no país. O Departamento de Arquivos da Marinha participa também da Subcomissão do Sistema Integrado de Gestão de Documentos de Arquivo do Ministério da Defesa. Tem como missão garantir ao cidadão e aos órgãos e entidades federais o acesso aos arquivos e às informações neles contidas de forma ágil e segura, resguardados os aspectos de sigilo e as restrições legais.

*Acervos e fundos documentais
para estudar a vida militar e civil*

O acervo do Arquivo da Marinha remonta à Marinha portuguesa do século XVII, reunindo manuscritos, materiais impressos, fotos,

filmes e microfilmes em Fundos Documentais. Destes, destacam-se o *Personalidades*, composto por informações pessoais de militares notórios da Marinha, e o *Obras Raras*, com materiais únicos e inéditos. Há ainda os que registram as atividades administrativas da Força, legislações e assentamentos de pessoal, o que constitui uma das mais ricas fontes de pesquisas da História Marítima Brasileira.

Em 2010, o acervo do Almirante Joaquim Marques Lisboa (Marquês de Tamandaré, Patrono da Marinha do Brasil) foi nominado no Programa Memória do Mundo das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), dentro do Registro Nacional, intitulado *Arquivo Tamandaré: uma janela para o Estado*



“Tenho orgulho de fazer parte da equipe de profissionais que atua no Arquivo da Marinha”

DPHDM/CT (RNR-T) Rômulo Coelho Lisboa



Maria da Glória de Sant'Anna Silva
Capitão de Fragata (T), arquivista, Chefe do Departamento de Arquivos da Marinha

Nestes 20 anos como Arquivista na DPHDM, desde que ingressei na Marinha e embarquei na Diretoria em 1999, passei por várias funções nas divisões e seções do Arquivo, o que serviu para aprimorar meus conhecimentos técnicos e adquirir experiência nos diversos processos da Gestão Arquivística. Atualmente como chefe do Departamento de Arquivos da Marinha, tenho orgulho de fazer parte da equipe de profissionais que atua no Arquivo da Marinha e no Ministério da Defesa



Imperial Brasileiro. O acervo possui documentos importantes para o estudo das Relações Internacionais do Brasil durante o século XIX, além de servir de fonte para os estudos de história política, diplomática, social, cultural, do poder no Brasil, história do cotidiano e da vida privada.

Gestão, preservação e acesso

Todo esse patrimônio é gerenciado pela Divisão de Processamento Técnico Arquivístico, também responsável por supervisionar a transferência, avaliação e arquivamento dos documentos, visando sua eliminação e/ou recolhimento para guarda permanente, planejando os meios adequados para a guarda, conservação e restauração de documentos. Além disso,



Prédio do Arquivo da Marinha, quando de sua instalação em 1984 e atual (à dir.)

Fotos: Arquivo da Marinha



Livro-mestre dos oficiais da Armada Portuguesa. Livro de assentamentos de promoções de oficiais da Armada Portuguesa, abrangendo o período de 1744 a 1805.



O Arsenal de Marinha e a Ilha das Cobras. Vê-se a ponte Alexandrino de Alencar que ligava o continente à Ilha das Cobras. Junto à ponte a Carreira Almirante Tamandaré. À direita, o atual Espaço Cultural da Marinha. Foto feita pela Aviação Naval entre 1916 e 1923.

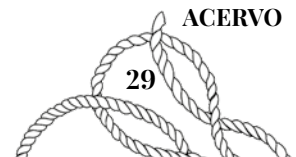
(MD), promovendo a guarda e a preservação dos documentos produzidos pela Marinha do Brasil e disponibilizando o acesso à sociedade brasileira. Dentre os fatos mais relevantes que vivenciei, está a elaboração do primeiro instrumento de gestão de documentos da Marinha, composto pelo Código de Classificação de Documentos e pela Tabela de Temporalidade e Destinação de Documentos de Arquivo das áreas finalísticas do MD, projeto realizado em 2010 pelas Forças Armadas e o MD. A ferramenta contribuiu para a evolução das melhores práticas no processo de gestão e preservação dos documentos arquivísticos, visando agilizar o acesso e a recuperação da informação ao usuário.



Norte dos Pilotos. Manuscrito, sem data, elaborado por Manoel dos Sanctos Rapozo e oferecido a D. Luiz Henriques, provavelmente por volta de 1750.



Lançamento do Cruzador Almirante Tamandaré no Arsenal de Marinha em 20 de março de 1890



AQUI SE FAZ
HISTÓRIA

“O tempo e a curiosidade me fizeram conhecer o riquíssimo acervo do Arquivo da Marinha”

Marcia Prestes Taft
Servidora Pública, Bibliotecária

Cheguei ao Arquivo da Marinha em 1978 após prestar concurso público para bibliotecária da Marinha. O prédio era o da Rua Dom Manuel 15, único prédio do Serviço de Documentação Geral da Marinha (SDGM). Acompanhei o crescimento e mudanças desta Diretoria: participei ativamente das transferências da Biblioteca e do Arquivo da Marinha para o prédio da Ilha das Cobras e do Arquivo Administrativo, que veio do prédio Almirante Tamandaré e, hoje, formam o acervo do Arquivo da Marinha. O tempo e a curiosidade me fizeram conhecer o riquíssimo acervo do Arquivo da Marinha. Trabalho com o material iconográfico e de som do acervo, com a guarda dos distintivos da Marinha, e com as pesquisas referentes a eles. Tive a oportunidade de participar de livros como A Marinha por Marc Ferrez, Presigangas e calabouços (que me levou a conhecer instalações do Hospital Central da Marinha e do atual Batalhão Naval) e Rio de Janeiro: Imagens da Aviação Naval, 1916-1923, que rendeu várias exposições e ainda hoje é um dos materiais mais requisitados pelos pesquisadores. Hoje, parte do acervo é disponibilizada na Internet em uma base de dados e as fotografias também, pela Brasiliana Fotográfica, da Fundação Biblioteca Nacional. Foram grandes experiências e emoções em todos esses anos.

Arquivo da Marinha

Fotos: Reprodução



1



2

a Divisão coordena as etapas de avaliação e eliminação do acervo de guarda intermediária, sob a custódia do Arquivo da Marinha, tendo por base os Códigos de Classificação e Tabela de Temporalidade e Destinação de Documentos relativos às atividades-meio do Poder Executivo Federal e atividades-fim do Ministério da Defesa e a legislação em vigor no país.

Para planejar, coordenar e executar as atividades relacionadas com a recepção, conferência, arranjo, descrição e a guarda do acervo de fotografias, negativos, filmes, vídeos e gravações sonoras, há a Seção de Documentos Iconográficos e Audiovisuais. Lá, é possível encontrar registros das diversas organizações militares da Marinha, além de personalidades, fatos históricos — como Guerra da Tríplice Aliança, a Revolta da Armada, Grandes Guerras Mundiais — e fotos do Rio de Janeiro feitas pela Aviação Naval.



Arquivo da Marinha

3

A Marinha do Brasil integra o Governo Aberto, que incentiva a transparência, a participação e a colaboração entre Governo e Sociedade Civil. Com ele, toda a sociedade pode realizar consultas on-line para acessar informação.



4

1. Centro de Microfilmagem;
2. Divisão de Acesso à Informação;
3. Estudantes da Universidade Federal Fluminense (UFF) participam do projeto Conhecendo o Arquivo da Marinha;
4. Página inicial do Sistema AtoM.

A Divisão de Gestão Arquivística é responsável pelas diretrizes técnicas da área de Arquivologia, cabendo a ela implementar e orientar quanto à gestão, guarda e preservação dos documentos da Marinha, bem como acompanhar e processar a Política Nacional de Arquivos no âmbito da Força. É ainda de sua responsabilidade realizar visitas técnicas,

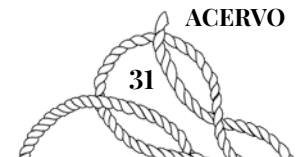
cursos de capacitação, palestras e elaborar normas e manuais sobre as práticas de gestão arquivística na Marinha do Brasil.

Já o Centro de Microfilmagem funciona desde 1985 e, atualmente, é coordenado pela Divisão de Microfilmagem, responsável por executar tal serviço e garantir a salvaguarda e a preservação dos documentos recolhidos ao Arquivo da Marinha pelas organizações militares. O centro atua também na orientação e assessoramento técnico sobre a atividade no âmbito da Marinha do Brasil.

O acesso à documentação sob a custódia do Arquivo da Marinha se dá na Divisão de Acesso à Informação, que é responsável pelo atendimento às consultas presenciais e à distância, além de coordenar bancos de dados internos, elaborar instrumentos de pesquisas e supervisionar a difusão do patrimônio documental da Marinha do Brasil à sociedade.

Parcerias para a difusão do acervo

Em 2012, a Marinha do Brasil passou a integrar o *Governo Aberto*, iniciativa da Adminis-



tração Pública para incentivar a transparência, a participação e a colaboração entre governo e sociedade civil. O Arquivo da Marinha alimenta uma base de dados composta por documentos administrativos produzidos pelas organizações militares de Marinha transferidos e recolhidos para seu acervo. Com isso, toda a sociedade pode realizar consultas *on-line* para acessar este tipo de informação.

Dois anos depois, o Arquivo adotou o Sistema de Descrição e Difusão da Informação Arquivística (Sistema *AtoM*). A plataforma é democrática, possui código aberto e acesso pela web, e é baseada em padrões desenvolvidos pelo Conselho Internacional de Arquivos. Permite ao usuário consultar a versão digital e fazer download de documentos, respeitando restrições legais. Nesta base, há a descrição dos registros de cerca de 400 organizações militares contendo o histórico e a descrição das atividades desenvol-

vidas, sendo: *Atividades-Meio* (necessárias para o suporte logístico das organizações), *Atividades-Fim* (aquelas para as quais as organizações foram criadas) e *Documentos Especiais*.

Em 2015, o Arquivo da Marinha iniciou parceria com a Fundação Biblioteca Nacional e o Instituto Moreira Salles para integrar o Projeto *Brasiliana Fotográfica*, um portal digital que promove a difusão dos acervos de documentos fotográficos de instituições públicas nacionais e internacionais.

Por sua vez, o Projeto *Conhecendo o Arquivo da Marinha*, implementado em 2018, é realizado por meio de visitas guiadas e exposições temporárias do acervo textual e iconográfico. Tem como objetivo divulgar e preservar o patrimônio documental, promovendo a difusão da mentalidade da prática arquivística na Marinha do Brasil, nas instituições de ensino e na sociedade.

Fotos: Arquivo da Marinha

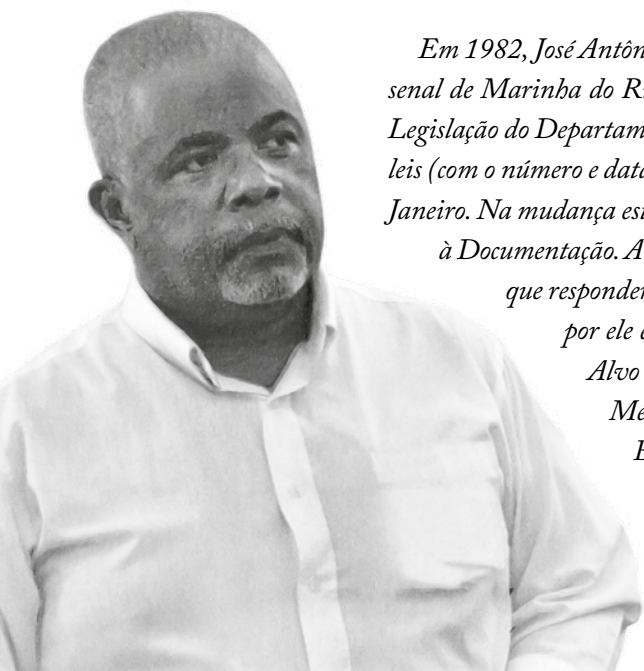


“Grandes levantamentos de documentação foram feitos por ele”

Para José Antônio Araújo Alves

Servidor Público (in memoriam), pela servidora pública Marcia Prestes Taft

Em 1982, José Antônio chegou ao Serviço de Documentação Geral da Marinha vindo do Arsenal de Marinha do Rio de Janeiro. Agente Administrativo, ficou encarregado da Divisão de Legislação do Departamento de Arquivos da Marinha. Dono de uma memória pródiga, sabia as leis (com o número e data) de cor. Formou-se em História pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Na mudança estrutural do Arquivo da Marinha, foi deslocado para a Divisão de Acesso à Documentação. A cada nova pesquisa ao Arquivo da Marinha, ia ele atrás dos documentos que responderiam à solicitação. Grandes levantamentos de documentação foram feitos por ele e se encontram registrados em páginas de livros de nossos pesquisadores. Alvo de muitos elogios, recebeu a Medalha Mérito Tamandaré e a Ordem do Mérito Naval. Teve, ainda, a oportunidade de servir na Comissão Naval Brasileira em Washington. A sua partida abrupta aos 60 anos, em 2019, nos privou de seu vasto conhecimento do acervo e, a mim, de um grande parceiro nas pesquisas.





A Primeiro-Tenente (RM2-T) Pamela Sant'Anna Dias Pereira e o Capitão-Tenente (T) Magno Vinícius da Silva Monteiro no Prêmio Criatividade 2023 da DPHDM

Descentralizar para modernizar

Certos documentos deixam de ser utilizados nas organizações militares, devendo ser guardados permanentemente ou eliminados observando-se os prazos previstos, conforme suas classificações. Se preservados, são armazenados em arquivos temporários, pois poderão ser objeto de consulta por sua importância administrativa — é a “fase intermediária” na Gestão Arquivística. Atualmente, os documentos produzidos e recebidos extra-MB, na Marinha do Brasil cumprem esta fase de guarda na DPHDM.

Mas a sistemática atual tem complicadores: documentos importantes podem se extraviar ao longo do caminho até a Diretoria; a consulta é afetada pelas longas distâncias geográficas; o manuseio do material na fonte está sujeito à mão de obra sem qualificação suficiente; falta espaço físico para armazenamento, além de outros impeditivos que, dependendo de sua gravidade, podem corroborar para a perda destes registros, o que pode configurar até como crime.

Descentralizar a guarda dos arquivos na fase intermediária se mostra uma opção viável para minimizar estes transtornos. Para confirmar esta hipótese e buscar uma forma

de modernizar a gestão de documentos na Força, representantes das diretorias especializadas da Marinha, dentre elas o Gabinete do Comando da Marinha (GCM), o Estado-Maior da Armada (EMA) e a DPHDM reuniram-se, de janeiro a setembro de 2023, em um Grupo de

Estudo Intersetorial (GTI). Por meio de um questionário virtual, 400 organizações militares descreveram seus setores responsáveis pela guarda dos arquivos, a condição dos seus acervos e a efetividade da transferência, recolhimento e eliminação destes documentos. As informações foram tratadas e transformadas em estatísticas, de onde nasceu a ideia-base do Sistema de Arquivos da Marinha.

Em vez dos arquivos na fase intermediária serem enviados à DPHDM, no Rio de Janeiro, cada um dos oito Distritos Navais possuiria seu próprio Arquivo Intermediário, composto por outros menores, os Arquivos Intermediários Regionais. Para isso, seria preciso incrementar o efetivo de arquivistas na Força, de forma que cada Distrito Naval tenha sua mão de obra qualificada. Se adotada, a nova sistemática pode trazer inúmeras vantagens: a logística de arquivamento, manuseio e consulta se tornaria mais eficiente e veloz; o risco de extravio diminuiria e a profissionalização da atividade aumentaria a nível nacional. O projeto mostrou-se tão promissor que rendeu ao Capitão-Tenente (T) Magno Vinícius da Silva Monteiro, Secretário-Executivo do GTI, e à Primeiro-Tenente (RM2-T) Pamela Sant'Anna Dias Pereira, membro do mesmo grupo, o Prêmio Criatividade 2023 da DPHDM, que contempla as iniciativas inovadoras originadas na Diretoria com potencial para reverberarem resultados positivos para toda a Marinha. ■





BIBLIOTECA DA MARINHA

DPHDM-70



DA tradição

DA ACADEMIA REAL DOS GUARDAS-MARINHA AOS BYTES DA INTERNET

*Por mar, pela estrada ou pela web,
a Biblioteca da Marinha sempre encontra
um caminho para chegar aos seus leitores*

Atualmente, a Biblioteca da Marinha ocupa o antigo prédio da Embrafilme, no movimentado Centro do Rio de Janeiro. Contudo, seu embrião está muito longe dali, na antiga Lisboa de 1802, com a criação da Biblioteca da Academia Real dos Guardas-Marinha. A formação desta centenária biblioteca, de quem a Marinha do Brasil herdou parte do seu acervo, foi um esforço

da Coroa Portuguesa para facilitar o processo de aprendizagem dos aspirantes a Guardas-Marinha durante seu período de formação. Sua concepção foi retratada com clareza no ato de criação da instituição, que expressa as preocupações portuguesas com o aprimoramento da Armada Real. O documento define o eixo temático para o desenvolvimento da coleção e sua abrangência internacional indicando, inclusive,



a fonte de recursos para aquisição das obras. Na ocasião, o Comandante da Companhia de Guardas-Marinha, o então Capitão de Mar e Guerra José Maria Dantas Pereira, formou o Depósito de Escritos com os manuscritos e impressos, tornando acessível aos oficiais da Marinha uma coleção de conhecimentos essenciais para sua carreira.

Dantas Pereira embarcou com a Corte para o Brasil em 1807 já em função da transmigração da Família Real. No entanto, o material que pertencia à Academia Real de Guardas-Marinha, incluindo a biblioteca, só deixou Portugal dois anos depois. A Academia foi instalada no Mosteiro de São Bento entre 1808 e 1835, no entanto, a biblioteca só foi transferida para esta nova sede em 1810.

A transferência da Corte para os trópicos transformou radicalmente a situação dos livros e das bibliotecas do Brasil. Um exemplo disso foi o catálogo produzido por Dantas Pereira em 1812, com a minuciosa relação das obras impressas, manuscritas e cartográficas que pertenciam à Biblioteca da Academia Real dos Guardas-Marinha. A obra materializa o pensamento pedagógico para formação dos oficiais de Marinha e é um dos poucos catálogos sistemáticos produzidos no Brasil na época.

Em 1832, a Academia de Guardas-Marinha e a sua biblioteca e a Academia Militar foram reunidas no edifício da Escola Nacional de Engenharia, no Largo de São Francisco, na região central do Rio de Janeiro. Separadas no ano seguinte, a biblioteca voltou para o mosteiro e, posteriormente, em 1839, foi transferida para

a Nau *Dom Pedro II*. Em 1846, o Ministro Holanda Cavalcanti propôs a criação da Biblioteca da Marinha para atender não somente aos aspirantes a oficiais, mas para facilitar o acesso dos livros para todo pessoal das repartições da Marinha.

Assim, em 17 de outubro de 1846, foi criada pelo Decreto nº 479 do Império do Brasil a



Breve compendio de la sphaera y de la arte de navegar, de Martin Cortés, 1551

Cosmógrafo descendente de uma importante família de Aragão, Martin Cortés apresenta em seu livro um grande avanço em relação ao Arte de navegar, de Pedro Medina, sendo considerado o primeiro tratado de navegação científica da época. É dividido em três partes: a primeira é uma seção inicial sobre o cosmos, o tamanho da Terra e os climas geográficos; a segunda seção fala sobre os cursos do Sol e da Lua, as estações, marés e clima; e a terceira tem a forma de um manual prático de navegação e construção de instrumentos de navegação. A obra apresenta a revolucionária teoria da variabilidade da declinação magnética, expondo, pela primeira vez, que a agulha magnética não é direcionada para o polo terrestre, o que contrariava a opinião generalizada afirmada em outras obras da época. Manual básico de estudos para os navegantes durante muito tempo.





Biblioteca da Marinha. Seu acervo fundador reuniu os livros da Biblioteca Real de Guardas-Marinha, assim como as obras científicas, roteiros e mapas existentes nos diversos arquivos e repartições da Força.

A Biblioteca da Marinha ainda guarda na Divisão de Materiais Especiais grande parte das obras que compõem a coleção original vin-

da de Portugal. A singularidade dessa coleção consiste por expressar a formação do oficial da Força no século XIX, mostrando a construção do conhecimento científico perseguido pela Marinha Real Portuguesa da época e, posteriormente, pela Marinha brasileira na formação de seu oficialato. Dentre as publicações desse acervo, destacam-se as seguintes obras:

L'art de naviguer, de Pedro de Medina, edição de 1554

Esta é primeira edição da tradução para o francês da obra Arte de navegar, publicada em espanhol em 1545. Considerado o primeiro tratado prático sobre navegação, forneceu informações confiáveis para a navegação em águas americanas. Sua relevância se afirma porque Medina baseou suas informações nas próprias experiências de navegação, assim como na experiência de pilotos e comandantes dos navios que utilizam a rota comercial das Índias. Essa foi a primeira tradução do espanhol, o que permitiu ao restante da Europa desafiar a hegemonia portuguesa e espanhola dos mares, tornando-se um texto padrão popular no século XVI.



Fotos: Biblioteca da Marinha



Cours de mathématiques a l'usage des gardes du pavillon et de marine, de Etienne Bezout, 1775

Texto básico para as disciplinas de matemática da Academia Real de Guardas-Marinha nos séculos XVIII e XIX, sendo também a primeira publicação orientada para o ensino de matemática dos candidatos a oficial da Marinha francesa. Sua importância para os estudos dos guardas-marinha deu origem expressão marinheira "bizu", pois, para ter sucesso nas disciplinas de matemática, era preciso ler os livros de Etienne Bezout.





Biblioteca Volante:
*da Kombi da
década de 70 ao
ônibus que atende
a militares e à
Família Naval*



Fotos: Arquivo da Marinha

Indo aonde o leitor está

Quase dois séculos após a sua fundação, a Biblioteca da Marinha está aberta aos militares da Marinha do Brasil e ao público em geral para consulta e pesquisa nas áreas de Estratégia, História do Brasil, História Naval, História Militar e Cartografia. Localiza-se na Rua Mayrink Veiga 28, no Centro do Rio de Janeiro, mas vai além de seus limites geográficos ao manter serviços

e produtos digitais que ampliam sua atuação por estradas e mares.

Dois destes serviços são a Biblioteca Volante e as Bibliotecas Rotativas. A Biblioteca Volante, iniciada em 1973, disponibiliza um micro-ônibus adaptado para o acondicionamento e exposição de livros e conta com um acervo de cerca de 2 mil obras recreativas. Atende às organizações militares de terra da Marinha sediadas no Rio de Janeiro e também parti-



“Fui, gradativamente, descobrindo as preciosidades desse rico acervo”

Leniza Glad

Capitão de Fragata, Chefe da Biblioteca da Marinha

Em passagem pelo Serviço de Documentação da Marinha, em 1999, ainda como Guarda-Marinha, conheci a Biblioteca da Marinha em seu novo prédio na Rua Mayrink Veiga, recém-chegada das instalações na Ilha das Cobras, como movimento de aproximação com o público externo à MB. O sistema de gerenciamento de acervos era exclusivo para o acervo da instituição, iniciando o processo de migração do catálogo em fichas para on-line. Ao voltar em 2011, como Capitão de Corveta, engajei na consolidada Rede BIM e fui, gradativamente, descobrindo as preciosidades desse rico acervo.

Com o desafio de ampliar a participação da Biblioteca no mundo digital, fomos, como equipe, aprendendo e criando novos serviços para permanecer junto aos nossos leitores. Nessa trajetória foram implementados os livros digitais, o RI-MB, o PP-MB e o Repositório Institucional da DPHDM. A experiência de servir há mais de 10 anos nesta Diretoria, permitiu-me testemunhar o sucesso de vários projetos, o amadurecimento de diversos processos e o seu reconhecimento, junto ao público interno e externo, como instituição atuante de preservação do patrimônio cultural brasileiro.





Biblioteca da Marinha

Como mostra a primeira foto desta página, da esquerda para direita, a disseminação do conhecimento acontecia por iniciativas como a Biblioteca Rotativa. Hoje ocorre por meio de eventos como a Reunião da Rede de Bibliotecas Integradas da Marinha (ao lado).

cipa de eventos para a Família Naval, como o festival *Âncora Social* e a festa do Dia das Crianças no Espaço Cultural da Marinha. A Biblioteca Rotativa, por sua vez, é composta por caixas com 100 a 140 livros de literatura geral, destinadas aos navios em comissão. Teve início em 1854, quando foi regulamentado o serviço de bibliotecas especiais para os navios, atividade de fomento à leitura eficaz até hoje.

Ademais, a Biblioteca da Marinha mantém serviços digitais voltados ao público dentre os quais destacam-se o catálogo da Rede de Bibliotecas Integradas da Marinha (Rede BIM), o Portal de Periódicos da Marinha do Brasil (PP-MB) e o Repositório Institucional da Produção Científica da Marinha do Brasil (RI-MB).

A Rede BIM foi criada em 2004 para possibilitar a integração e o intercâmbio dos acervos de todas as bibliotecas da Marinha do Brasil em uma única base de dados. Para tal, faz uso de um sistema gerenciador de acervos de bibliotecas, proporcionando consulta única com maior rapidez em pesquisas, padronização no processamento técnico e eficiência no atendimento aos usuários.

O Portal de Periódicos da Marinha do Brasil reúne os periódicos científicos, culturais e de divulgação em formato digital institucionalmente ligados à Força. Abrange os temas referentes a Segurança, Defesa Naval, História, Ciência, Tecnologia e Inovação, garantindo o suporte, visibilidade, acessibilidade, gestão e preservação aos periódicos.

O Repositório Institucional da Produção Científica da Marinha do Brasil (RI-MB) é a base de dados que tem o objetivo de reunir toda a produção científica, em formato digital, originada nos Centros e Institutos de Pesquisa, nas organizações militares (OM) do Sistema de Ensino Naval (SEN) e nos cursos-extra Marinha do Brasil, que estão sob a responsabilidade das organizações militares orientadoras técnicas (OMOT). Já o Repositório Institucional da DPHDM é o ambiente digital que contempla obras dos acervos arquivísticos, bibliográficos e museológicos pertencentes à Diretoria, as quais possuem grande relevância à sociedade para a construção da história naval brasileira. A plataforma perpassa as dificuldades de deslocamento e mobilidade daqueles que possuem interesse no acervo da DPHDM, possibilitando o acesso aos documentos em formato digital por meio de consulta virtual.

A Biblioteca da Marinha se adapta aos tempos e se expande para além dos limites físicos. Com acervos históricos e serviços digitais de ponta, conecta-se com militares e o público em geral, mantendo vivo o compromisso com a disseminação do conhecimento e a promoção da cultura marítima. Das páginas dos livros aos bytes da internet, a Biblioteca da Marinha está sempre presente, navegando pelos mares da informação e compartilhando o saber com todos que a procuram. ■

Ministério da Marinha

EM-4

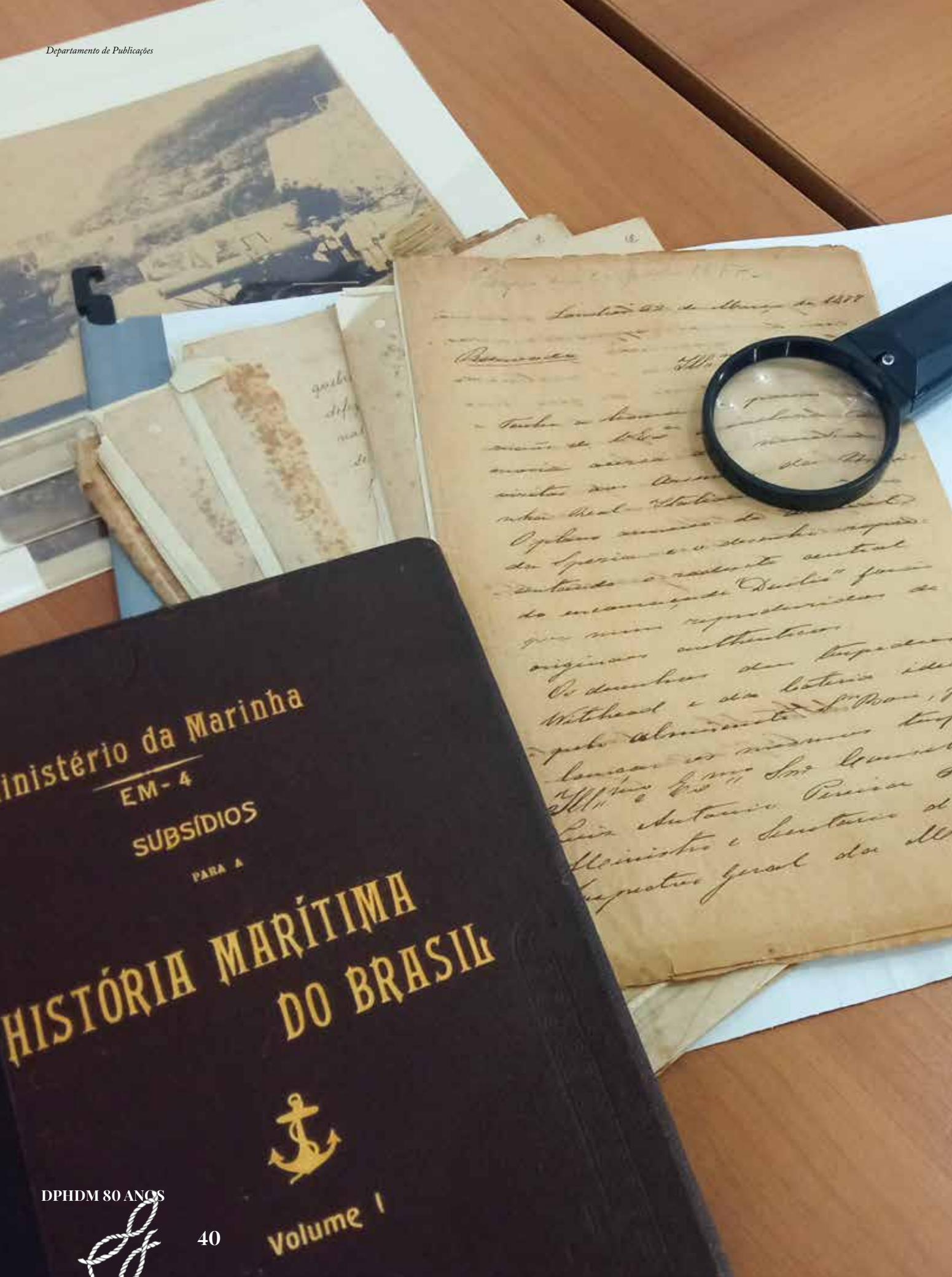
SUBSÍDIOS

PARA A

HISTÓRIA MARÍTIMA DO BRASIL



Volume I



2



CONTEÚDO

Instituições como a DPHDM desempenham um papel crucial na produção de conteúdo ao utilizar seus acervos e fontes exclusivas. Com acesso a um vasto patrimônio histórico, arquivos, biblioteca e museu, o Departamento de História, a Editora Letras Marítimas e a *Revista Marítima Brasileira* têm o poder de contar histórias e narrar acontecimentos de forma envolvente. É uma maneira de oferecer a pesquisadores e leitores uma versão dos fatos diferenciada, para que o público se conecte com eventos e personagens relevantes para a cultura marítima e naval. Ao utilizar essas fontes em seminários, estudos, artigos científicos, periódicos e livros físicos e digitais, a DPHDM compartilha e dissemina narrativas e informações alinhadas à mentalidade marítima. Uma verdadeira ponte entre o passado e o presente, enriquecendo a sociedade com histórias fascinantes e conhecimentos valiosos.





Departamento de
HISTÓRIA
 DPHDM-40



GUIANDO PESQUISADORES E NAVEGANTES PELOS MARES DO **conhecimento**

O Departamento de História, que teve origem no Estado-Maior da Armada nos Anos 30, hoje se aproxima do seu público pela Revista Navigator, por pesquisas especializadas e até pelo Google Earth

O Departamento de História da Diretoria do Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha tem sua gênese na Divisão de História Marítima, seção técnica do Estado-Maior da Armada (EMA). Criada por meio do Decreto-Lei nº 101, de 23 de dezembro de 1937, tinha como missão a organização da História Marítima e Naval brasileiras por meio da pesquisa e escrita históricas.

A criação de um elemento organizacional dedicado à História no EMA espelhava a conjuntura da Marinha e do próprio país na década de 1930. Era uma época de elaboração e execução do programa naval de 1932-1936, que ensejava o retorno à construção naval no país, cujo novo Arsenal de Marinha do Rio de Janeiro era o exemplo incontestado. Buscava-se,



Foto: Departamento de História



Reprodução



*Do topo para baixo:
Medidas de um ferro
(âncora) do tipo
Almirantado; limpeza
mecânica de um canhão
de bronze do séc.
XVII e atividades de
arqueologia subaquática*

então, a base de uma vocação brasileira para o mar, intenção robustecida uma década depois com o envolvimento do país na Segunda Guerra Mundial, justamente para resguardar sua fronteira marítima dos ataques do Eixo. Foi no primeiro ano do engajamento do Brasil e da sua Marinha na Batalha do Atlântico que se deu a criação do Serviço de Documentação da Marinha (SDM). A Divisão de História Marítima veio transferida do EMA para compor o núcleo daquela nova organização militar.

Registros escritos e orais para usufruto de pesquisadores

A Divisão de História Marítima cresceu junto com o SDM, congregando inicialmente em sua lotação militares inclinados aos estudos históricos, posteriormente recebendo pessoal já com formação profissional adquirida nas universidades e que ingressariam na Marinha nos Quadros Complementar e, depois, Técnico. Renomeada para Departamento de História Marítima e Naval e, já no século XXI, apenas para Departamento de História, seu pessoal — habilitado nesta área de conhecimento — atua hoje na produção de textos para publicações voltadas para a História Marítima e Naval, na elaboração de históricos dos navios que serviram à Marinha do Brasil e no levantamento histórico de personalidades notáveis da História Naval brasileira. O Departamento apoia pesquisadores de História Marítima e Naval, inclusive respondendo a organizações militares da Marinha do Brasil e a consulentes do país e do exterior sobre assuntos de interesse histórico e cujas fontes advêm do Arquivo ou da Biblioteca da Marinha.

O Departamento de História também atua na produção de instrumentos de pesquisa para fundos documentais relacionados à história da Marinha do Brasil e no registro de depoimentos em um programa de História Oral





que inclui, dentre outros temas, entrevistas com veteranos das operações da Esquadra no Atlântico durante a Segunda Guerra Mundial.

*Publicações periódicas:
uma evolução de 1938 aos dias atuais*

A história escrita, ou melhor, a historiografia produzida ao longo dos anos com o apoio ou mesmo pelo pessoal lotado no Departamento de História pode ser conferida na revista científica *Navigator: Subsídios para a História Marítima do Brasil*, que abarca também a contribuição de acadêmicos de centros universitários e de instituições militares do exterior com artigos de História Marítima e Naval, e também Arqueologia. O periódico semestral teve sua origem na publicação anual produzida pela antiga Divisão de História Marítima do EMA, os *Subsídios para a História Marítima*

do Brasil, cuja primeira edição é de 1938. O editor-chefe dessa publicação foi o então Capitão de Fragata Dídio Iratim Afonso da Costa, que viria a ser o primeiro Diretor do SDM.

A revista *Subsídios para a História Marítima do Brasil* continuou a ser publicada até 1970, quando sofreu extensa remodelação e ganhou a nova denominação *Navigator* (“navegador” em latim). Contando com estudos publicados após análise de pareceristas externos e regulada segundo as melhores práticas dos periódicos científicos, a *Navigator* obteve recentemente o conceito B1 do sistema *Qualis* de classificação de publicação científica da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

*Das profundezas do oceano
para a imensidão da web*

Cabe ainda ressaltar que o Departamento de História incorporou, na década de 2000, a Divisão de Arqueologia Subaquática, que mantém os registros dos naufrágios de interesse histórico nas Águas Jurisdicionais Brasileiras. Essa Divisão emite pareceres técnicos e responde questionamentos das organizações militares sobre assuntos atinentes ao Patrimônio Cultural Subaquático brasileiro. Também está nas suas atribuições fiscalizar, quando determinado pela autoridade competente, pesquisas arqueológicas subaquáticas na costa brasileira. A atividade de fiscalização que envolve a participação de equipe especializada em Arqueologia consiste, principalmente, no acompanhamento das atividades vinculadas a preservação do Patrimônio

O Departamento apoia pesquisadores de História Marítima e Naval, inclusive respondendo a organizações militares da Marinha do Brasil e a consulentes do país e do exterior.



Reprodução

Cultural Subaquático, entre as quais se destaca a composição de Comissão de Peritos, quando instituídas por portaria do EMA, em cumprimento ao estabelecido pela Lei nº 7.542/1986, modificada pela Lei nº 10.166/2000, e na NORMAM-10/DPC. Por demanda, também atende às solicitações dos distritos navais ou capitânicas para acompanhar, *in loco*, as atividades técnicas que envolvem a pesquisa, exploração ou remoção de bens submersos considerados de valor histórico e arqueológico.

Os levantamentos e pesquisas levados a cabo pela equipe de arqueólogos da Marinha do Brasil resultaram no *Atlas dos Naufrágios de Interesse Histórico da Costa do Brasil*, projeto de caráter multidisciplinar e de longa duração que tem como propósito prover a Autoridade Marítima de um banco de dados espacial de fácil visualização que auxilie na proteção do Patrimônio Cultural Subaquático brasileiro. Em 2021, esse projeto passou por uma revisão qualitativa, onde dos 2.128 naufrágios catalogados, pôde-se incluir no banco de dados do Centro de Hidrografia da Marinha (arquivos KML, para visualização no *Google Earth*; e SRW, para visualização em cartas náuticas eletrônicas) a modelagem de 1.009 naufrágios, isto é, referenciados a partir de dados espaciais (Latitude e Longitude) o posicionamento dos naufrágios de interesse histórico no leito marinho.

O compartilhamento e a disseminação de dados geoespaciais é uma obrigação de todos os órgãos e entidades do Poder Executivo Federal (Decreto nº 6.666, de 27/11/2008), no qual a Marinha do Brasil vem contribuindo com o Planejamento Espacial Marítimo (PEM). Com a adesão desta Diretoria a esse projeto, em dezembro de 2021, a localização dos naufrágios de interesse histórico em Águas Jurisdicionais Brasileiras foi incorporada ao PEM, e veio a ser agregada à Infraestrutura

Nacional de Dados Espaciais (INDE), projeto do governo brasileiro que tem o propósito de catalogar, integrar e harmonizar dados geoespaciais existentes nas instituições públicas, produtoras e mantenedoras desse tipo de dado, de maneira que possam ser facilmente localizados, explorados e acessados para os mais diversos usos, por qualquer um que tenha acesso à Internet. Atualmente as informações dos naufrágios de interesse histórico encontram-se disponíveis *on-line* na plataforma da INDE (www.inde.gov.br).

Em razão das várias atividades desenvolvidas no âmbito da História Marítima e Naval e na Arqueologia Subaquática, a DPHDM honra o nome e o reconhecimento na sociedade brasileira de primar pela preservação do patrimônio histórico da MB o qual, logo, pertence a toda a sociedade, contribuindo para construir a sua história. Este Departamento, pois, faz jus ao lema desta Diretoria: “preservar a memória para construir a História”. ■

Departamento de História



Historiadores do Departamento de História. Destaque para a Servidora Pública Angela Fonseca Souza Assis, à esq., de camisa listrada e, abaixo, já próximo de se aposentar.

Arquivo da Marinha



“Vivi uma bela fase profissional”

Angela Fonseca Souza Assis

Servidora Pública aposentada, Técnica em Assuntos Culturais

Minha experiência no Serviço de Documentação Geral da Marinha (SDGM) começou em 1975, no grupo de universitários do Curso de História do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da UFRJ, no estágio não remunerado oferecido pela Marinha do Brasil. O Diretor, Comandante Max Justo Guedes, incumbiu-nos de fichar, catalogar, e microfilmar a documentação naval do acervo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, pesquisa que hoje está no Arquivo da Marinha.

Deste grupo, permaneceram eu, Luciana (Palмира Vaz Bandeira de Mello) e Adelaide (Barbosa Couto). Contratadas em 1980, fomos efetivadas em uma seleção interna. Em seguida, juntaram-se a nós as estagiárias Edina (Laura Costa Nogueira da Gama) e Mônica (Hartz Oliveira Moitrel).

Certo dia, um senhor se ofereceu para realizar tarefas em História Naval. Era o Vice-Almirante Helio Leoncio Martins. Fui designada como sua assistente, e ele me encarregou de fazer as pesquisas para o 5º Volume do Tomo II da Coleção História Naval Brasileira. Assim começou nossa parceria e amizade, que durou até sua morte em 2016, aos 101 anos.

Eu e as oficiais do Departamento de História cuidávamos da produção das efemérides para o encerramento das atividades de final de ano do SDGM. Além disso, quando o SDGM sediava conferências e seminários, recepcionávamos os palestrantes estrangeiros. Cheguei a ficar sentada no tablado, ao lado da mesa dos conferencistas, segurando os fios dos microfones; também acredito que fomos confundidas com senhoritas de caráter duvidoso em Salvador (demos boas gargalhadas pelo ocorrido!).

Permaneci no já renomeado SDM até 2000 quando substituí a Comandante Adelaide, assistente do Almirante Max Justo Guedes na Diretoria do Patrimônio Histórico e Cultural da Marinha (DPHCM) e assumi como Assessora de História, para estreitar contatos entre a DPHCM e o Departamento de História do SDM. Quatro anos mais tarde, permaneci por uns meses como assistente do Almirante Bittencourt, então diretor da DPHCM, até um oficial ocupar o cargo. Isso nunca aconteceu, e os seis meses se transformaram em 12 anos, até 2016. Creio que até agora fui a única assistente civil de um almirante em cargo de direção. Neste mesmo ano, o Almirante Bittencourt foi nomeado Assessor Especial para as Comemorações do Bicentenário da Independência do Brasil e novamente tornei-me sua assistente até 2018. Voltei ao Departamento de História em dezembro daquele ano, agora sob a chefia do Comandante Pierre Paulo da Cunha Castro. Fui encarregada de levantar as Efemérides Navais dos anos de 2019 até 2022 e de fazer a biografia do Marquês de Tamandaré para Wikipédia.

Em 2020, entramos na pandemia da COVID-19 e eu, já com 68 anos de idade, passei a trabalhar em home office, cuidando dos Históricos dos Navios da Marinha do Brasil a serem inseridos no site da DPHDM. Após quase 46 anos de serviço, aposentei-me em maio de 2021.

Dizem que a melhor fase de uma pessoa é a fase de estudante. Entre todas da minha vida, eu vivi duas belas fases, a de estudante e a profissional, como servidora civil no Departamento de História da Diretoria do Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha. Obrigada DepHis.



Departamento de
PUBLICAÇÕES E DIVULGAÇÃO
DPHDM-50

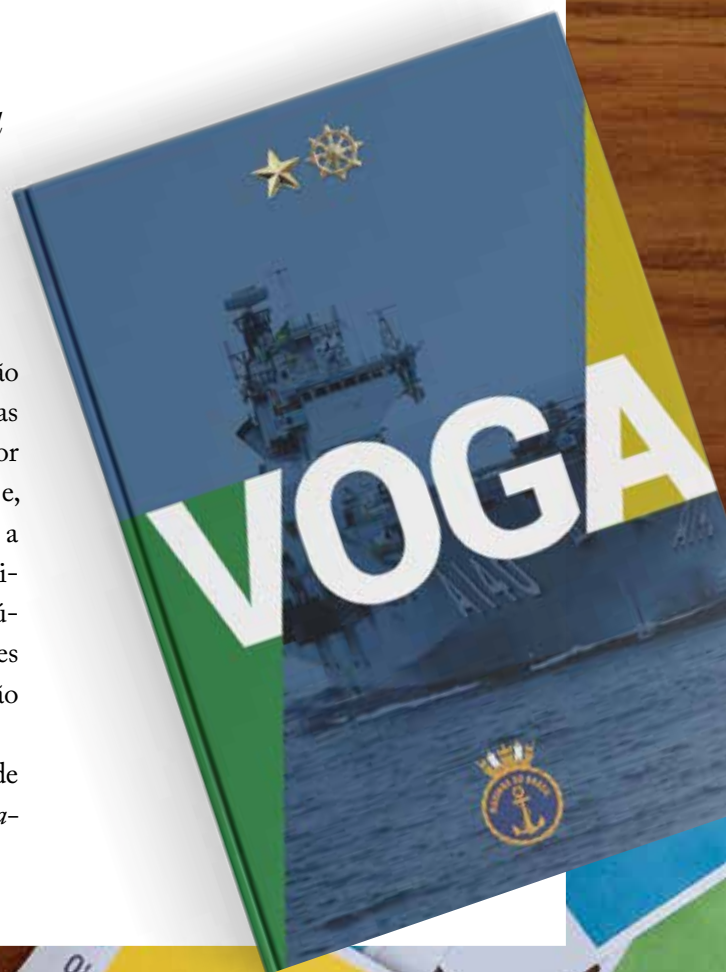


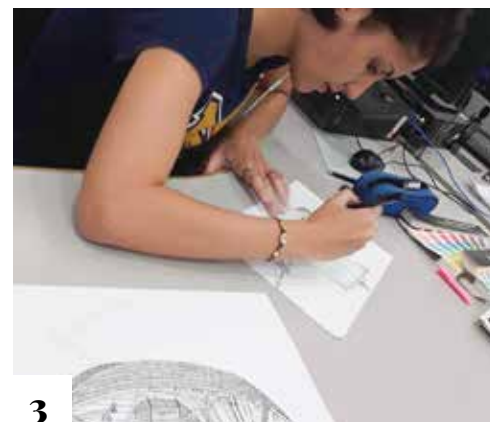
TODAS AS VOZES do livro

Da Editora SDM à Letras Marítimas, a trajetória do departamento que, há 50 anos, ajuda a Marinha a escrever sua história nas mais diversas plataformas

Platão dizia que “o livro é o mestre que fala, mas não responde”. De fato, houve um tempo em que as publicações difundiam o conhecimento ao leitor por uma voz inabalável passivamente ouvida. Hoje, tinta e papel compõem só mais um formato dentre muitos; a ponta de um processo que não termina em quem lê. Interatividade, foco no conteúdo e atenção às especificidades do público dão o tom (e o rumo) do Departamento de Publicações e Divulgação da DPHDM. Municiam o leitor de informação para que ele, também, dissemine suas ideias.

Criado em 1972, o DPHDM-50 nasceu no mesmo ano de lançamento do primeiro tomo da Coleção *História Naval Bra-*





A expansão do Departamento passou a demandar da equipe, jornalistas e designers civis e militares, ritmo e preparo equivalentes aos que se exigem dos profissionais de mercado. O Departamento passou a prestar consultorias a outras organizações militares e a autores com vínculo junto à Marinha do Brasil.

1. A produção de um título começa no brainstorming com os envolvidos, como ocorreu com os departamentos de História e de Publicações no livro *Marinha do Brasil: uma Síntese Histórica*, em fevereiro de 2018;

2. A produção iconográfica acontece enquanto o texto é escrito. No caso do Síntese, o acervo da Museologia e o apoio fotográfico do Centro de Comunicação Social da Marinha foram fundamentais para ilustrar os textos;

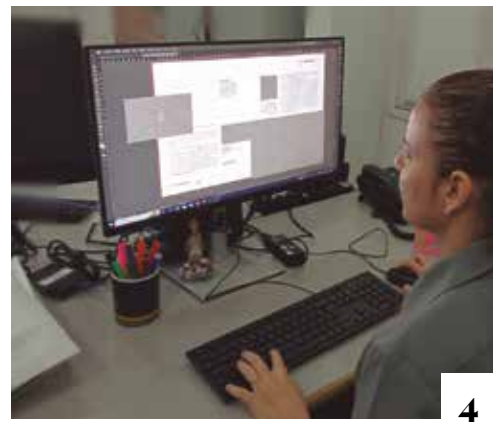
3. Imagens não obtidas no Arquivo da Marinha ou por pesquisas podem ser produzidas por membros da equipe;

4. Em seguida, o material segue para o projeto gráfico e diagramação, etapas que levam meses e que definem a hierarquia visual, composição e equilíbrio do livro;

5. Por outro lado, a reprodução offset é a etapa mais rápida, porém mais cara, de toda a Produção Editorial;

6. Com tudo pronto, é hora de divulgar. Lançamento do Síntese na Escola de Guerra Naval, dezembro de 2018.

sileira, graças à chegada de redatores e diagramadores da extinta Imprensa Naval ao Serviço de Documentação da Marinha. Surgia, assim, a “Editora SDM”, denominação pela qual o Departamento se tornaria conhecido até 2022. As tarefas, que antes se resumiam à revisão ortográfica e diagramação, evoluíram para análise e seleção de conteúdo, planejamento e gestão de projeto editorial e gráfico, pesquisa iconográfica, tratamento de imagem, diagramação, registro do ISBN (International Standard Book Number),



4



5



6

arte-finalização, conversão em *e-book* e supervisão da produção gráfica — já que os títulos são reproduzidos em gráficas comerciais ou por parceria com o Departamento Industrial Gráfico da Base de Hidrografia da Marinha em Niterói. Esta expansão passou a demandar da equipe de jornalistas e designers civis e militares ritmo e preparo iguais aos que se exigem de profissionais de mercado. O Departamento passou a prestar

consultorias a outras organizações militares interessadas em publicar suas próprias obras e a autores com vínculo junto à Marinha do Brasil.

*De militares para militares:
publicando para quem mais conhecemos*

Fazendo juz à sua vocação histórica, o Departamento possui um catálogo de títulos em História Militar e História do Bra-

“Faço minha a voz do autor para que ele estabeleça com o leitor um pacto de confiança”

Denise da Silva Coutinho Koracakis

Servidora Pública Jornalista, Encarregada da Seção de Revisão

Entrei para a Marinha em 1994 como jornalista concursada e desde então atuo como revisora. Porém, cuidar da grafia é só uma parte do trabalho. Digo que empresto ao autor minha experiência com as palavras, pois o fato dele possuir notório saber em um assunto não o livra de ter dificuldades ao se expressar. Então, auxílio-o na coesão das ideias e na estrutura textual sem interferir em aspectos técnicos. Invisível ao leitor, faço minha a voz do autor para estabelecer entre ambos um pacto de confiança: enquanto este crê no valor do que lê, aquele tem certeza de que sua mensagem foi entendida. Com a antiga equipe de redatores, desenvolvi o Manual de Redação e Estilo para a Ed. SDM e acompanhei o DPHDM-50 diante da evolução tecnológica, que proporcionou maior rapidez na produção e divulgação dos textos. Acredito, contudo, que certas práticas não se perdem, como a boa leitura e a segurança do apontamento no papel.

**AQUI SE FAZ
HISTÓRIA**

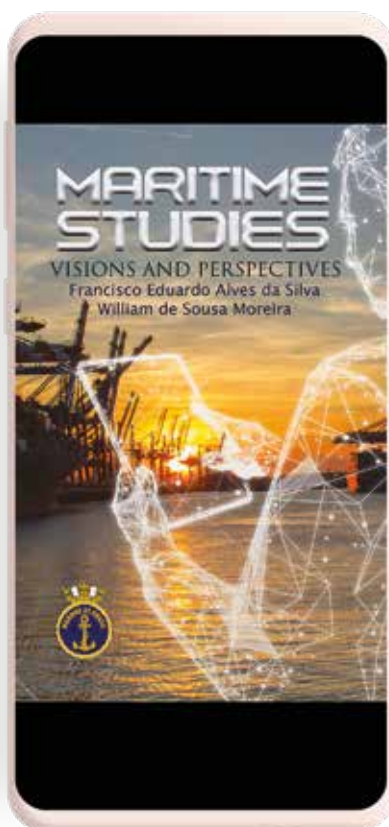




Best-sellers da Ed. Letras Marítimas no ano de 2023



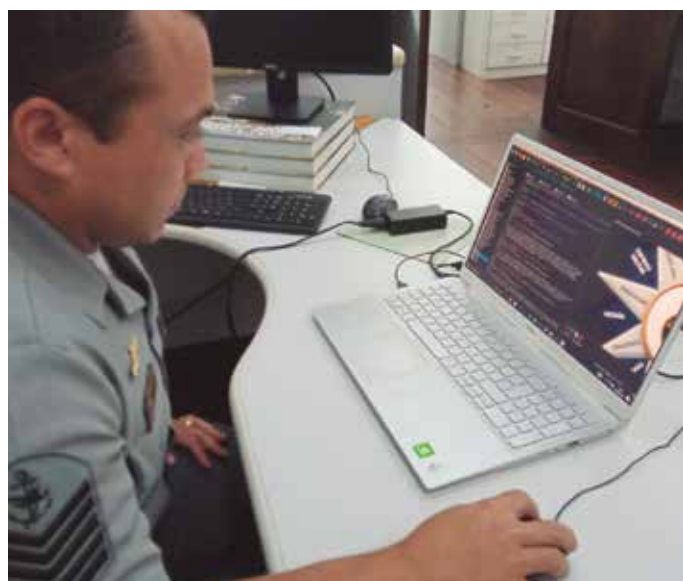
Por ser em inglês, a obra *Maritime Studies: Visions and Perspectives*, de Francisco Eduardo Alves de Almeida, divulga o catálogo digital da editora no exterior



A conversão dos formatos impressos para e-book é tarefa do Primeiro-Sargento PL Ricardo Monteiro do Nascimento

sil, Artes, Geografia, Geopolítica e demais áreas de conhecimento ligadas ao conceito de Poder Marítimo, como por exemplo as relacionadas à Marinha Mercante. São biografias, títulos de ficção e não ficção, pesquisas históricas, obras científico-técnico-profissionais, livros didáticos e ainda a Revista *Navigator*.

Há um segmento interessado em consumir os conteúdos lançados pela editora: segundo o Livro Branco de Defesa Nacional de 2020, 74 mil indivíduos estão nas fileiras da Marinha. Contabilizando Exército e Força Aérea, o número amplia para 350 mil clientes potenciais. Também fazem parte do nicho a comunidade acadêmica; os profissionais ligados ao mar; o público interno da própria Força com suas famílias, servidores públicos e alunos dos centros de formação; aqueles que têm como meta entrar para a Marinha e os que só o fazem na imaginação.





Alcançar militares e civis é um desafio para o DPHDM-50, à medida que seus títulos concorrem com os das casas editoriais comerciais. Se estas empresas ganham na agilidade de acesso ao consumidor, ganha o departamento ao conhecer seu público, pois também faz parte dele — afinal, somos todos nautas. Prova disso são os volumes da obra-referência em marinharia e estudos navais *Arte Naval*, de Maurílio Magalhães Fonseca, publicados pela primeira vez em 1954 pelo Serviço de Documentação Geral da Marinha. Só da 8ª edição (2020) foram vendidos até agora cerca de 5.500 exemplares impressos e aproxima-

damente 1.600 *e-books*, quando os dois tomos foram revistos, ampliados e ganharam um novo tratamento visual feito na medida para este leitor tão específico.

O DPHDM-50 marca presença em eventos do calendário cultural da Marinha do Brasil e diversos outros, como Rio Boat Show e Bienal do Livro do Rio de Janeiro. Disponibiliza seus títulos na internet e em pontos de aquisição, além de realizar doações para bibliotecas do Brasil e programas educacionais da Marinha.

A conversão digital de títulos do catálogo é outra estratégia que busca potencializar o alcance das obras. Em poucos cliques, qualquer leitor

Reprodução

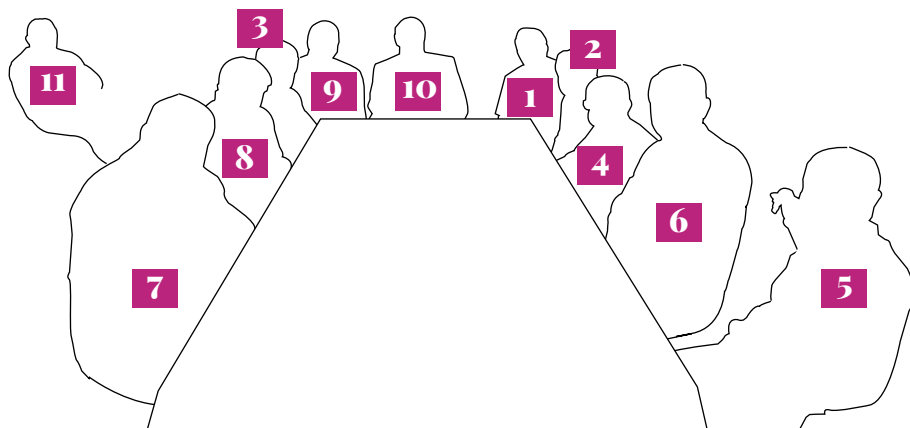


Fotos: Departamento de Publicações



*Três momentos marcantes: livro publicado em português e em mandarim, coeditado pela Letras Marítimas e a Ed. Três por Quatro; a participação na Bienal da Associação dos Designers Gráficos do Brasil e o lançamento da obra **Pioneiras**, na Bienal do Livro, no Rio de Janeiro (2023)*





Gestão 2021–2023 do Conselho Editorial da Letras Marítimas:

1. *Almirante de Esquadra Leonardo Puntel*
2. *Vice-Almirante (Ref-EN) Armando de Senna Bittencourt*
3. *Contra-Almirante (RM1) Guilherme Mattos de Abreu*
4. *Capitão de Mar e Guerra (Ref) William Carmo Cesar*
5. *Capitão de Mar e Guerra (Ref) Pedro Gomes dos Santos Filho*
6. *Capitão de Mar e Guerra (Ref) Claudio da Costa Braga*
7. *Capitão de Mar e Guerra (Ref) Francisco E. Alves de Almeida*
8. *Professor Doutor Paulo André Leira Parente*
9. *Professor Doutor Ricardo Pereira Cabral*
10. *Vice-Almirante (RM1) José Carlos Mathias (Presidente)*
11. *Capitão de Mar e Guerra Jefferson Almeida (Secretário)*

Também compõem o Conselho Editorial o Capitão de Mar e Guerra (RM1) William de Sousa Moreira, o Professor Doutor Wellington Dantas Amorim e o Professor Doutor Eurico de Lima Figueiredo

nas mais diversas partes do mundo encontra a editora em livrarias virtuais como Amazon e Google Books. A iniciativa de 2018 colocou a Marinha como a pioneira entre as Forças Armadas a disponibilizar seus títulos nas plataformas mundiais de *e-book*. Não há como ignorar o digital: a Câmara Brasileira do Livro e o Sindicato Nacional dos Editores de Livros apontam que o consumo deste formato de publicação vem crescendo significativamente.





Outros esforços para equiparar a produção do DPHDM-50 ao mercado editorial estão sendo gradativamente recompensados: em 2019 a obra *Marinha do Brasil: uma Síntese Histórica*, organizada pelo Contra-Almirante Guilherme Mattos de Abreu, entrou para o *shortlist* da 13ª Bienal da Associação dos Designers Gráficos do Brasil na categoria Design Editorial, feito raro, senão inédito, para livros da Marinha. Premiado pela Academia Catarinense de Letras na categoria História, a obra *Primeira Circum-Navegação Brasileira e primeira missão do Brasil à China (1879)*, da jornalista Marli Cristina Scomazzon e do pesquisador Jeff Franco, em parceria com a Ed. Três por Quatro, foi notícia em jornais de grande circulação no Brasil, América do Sul e China, além de ter sido traduzida para o mandarim. Entretanto, sempre há um passo a mais para ser dado, ou vozes a mais para serem ouvidas.

O Conselho Editorial

Em dezembro de 2021, a Secretaria-Geral da Marinha (SGM) instituiu um conselho editorial para auxiliar o DPHDM-50 na definição de políticas editoriais. O grupo é composto por oficiais da Marinha do Brasil e civis de notório saber nas áreas abordadas pela linha editorial. São vozes relevantes que somam na construção do catálogo, atestando a importância da atividade para a imagem e reputação da Força.

Seguindo a proposta de reforçar a autoridade da Produção Editorial junto ao público e como um caminho para uma percepção de marca mais madura, no mesmo ano, o nome fantasia *Editora SDM* foi substituído por *Letras Marítimas*, coerente com os documentos estratégicos de alto nível da Força: difundir a consciência marítima para a sociedade civil. Este propósito é somado a outras iniciativas da DPHDM, das quais o reposicionamento do departamento é só uma parte. ■

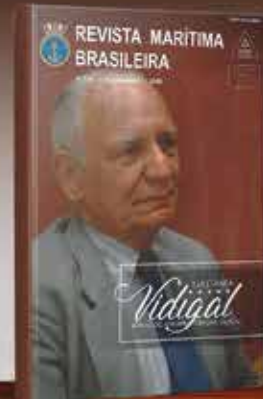
“Adotamos um olhar de mercado”

Carine Ocko Pieroni

Primeiro-Tenente (RM1-T) Jornalista, Encarregada da Seção de Design Editorial

Em 2017, ingressei na DPHDM como Oficial Temporária Jornalista e logo fui surpreendida com tanto campo para Produção Editorial — mesmo com 20 anos de atuação em praticamente toda a cadeia do livro, no Brasil e exterior. No departamento, assino e oriento projetos gráficos, processo que foi modernizado a partir da obra Marinha do Brasil: uma Síntese Histórica. Também participei ativamente da modelagem de negócio do e-book e, junto com o 1SG PL Ricardo Nascimento, adquirimos, dominamos e adaptamos o know-how da produção de livros digitais para a realidade da Marinha. Desde então, já são cerca de 20 títulos digitais e impressos, nos quais conseguimos adotar um olhar de mercado em termos de estética e de produção de conteúdo. Digo “nós” porque sem o legado da designer Edna Costa, a adesão da equipe e a anuência dos superiores, nada seria possível. Sou muito grata a todos por exercer, aqui, a minha vocação e por poder transmiti-la aos meus colegas e estagiários. Em breve, volto ao mercado para a área de Gestão Editorial, mas a Marinha estará sempre impressa em mim, na minha formação como pessoa e como profissional.





REVISTA MARÍTIMA BRASILEIRA

RMB



PATRIMÔNIO DA MARINHA DO BRASIL E da Nação*

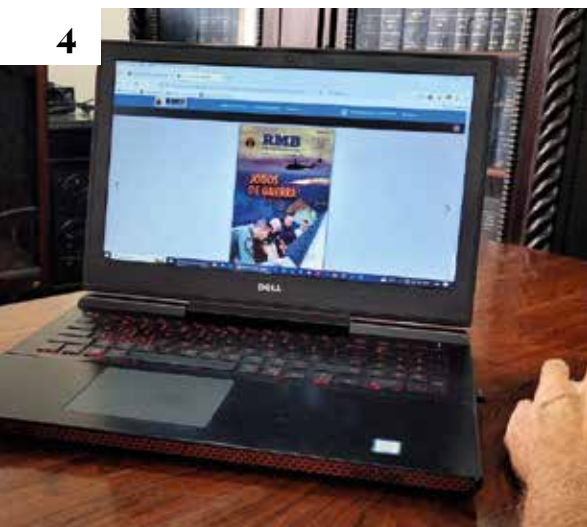
A revista marítima mais antiga do mundo em circulação mantém-se como referência no pensamento naval, inspirando os leitores atuais tal qual fazia em 1851

Lançada num sábado, 1º de março, no longínquo 1851, a primeira edição da *Revista Marítima Brasileira (RMB)* nasceu fruto do entusiasmo de um oficial de Marinha, Sabino Eloy Pessoa, depois conselheiro do Império. Naquela primeira edição, com visão de futuro, foram balizados os referenciais de sua singradura:

“Difundir tudo quanto possa contribuir para o melhoramento e o progresso de nossas Marinhas de Guerra e Mercante, ambas elementos perduráveis de grande-

**Por Carlos Marcello Ramos e Silva
Capitão de Mar e Guerra (Ref[®]), Editor da RMB*







za e prosperidade”; e que “cada um escreva como sabe, sem receio de faltar ao gosto, à elegância, ao estilo, à perfeição, enfim, uma vez que traga à luz da imprensa ideias úteis, quer originais, quer extraídas de tantos livros e mais impressos que correm o mundo”. Sem dúvida, propósitos claros que, até hoje, orientam a linha editorial.

Transcorridos mais de 170 anos, aquele simples jornal de oito páginas evoluiu para periódico trimestral de 320 páginas, um livro em verdade, contendo, além de elaborados artigos, diversas seções, sinopses de matérias relevantes de outras publicações congêneres do Brasil e do exterior e notícias da Marinha do Brasil e de outras Marinhas, incluídas as Mercantes. Um verdadeiro patrimônio da Marinha e do Brasil!

A revista, aberta à concorrência intelectual de todos os estudiosos, busca, por meio de

A RMB vem cumprindo sua missão e é referência tanto para pesquisa histórica e científica como para a atualização de conceitos e doutrinas. É, sobretudo, um veículo de intercâmbio de ideias que contribui para o estudo e a estimulação do pensamento naval, além de buscar divulgar a consciência marítima.

1. O Capitão de Mar e Guerra (Ref^o) Carlos Marcello Ramos e Silva (à esq.) e o Capitão de Mar e Guerra (RM1) Miguel Augusto Brum Magaldi comandam o Corpo Editorial da revista;

2. A diagramação das edições e concepção das capas são atividades das designers Amanda Christina Pacheco e Rebeca Pinheiro Gonçalves (ao fundo);

3. Já as jornalistas Deolinda Oliveira Monteiro e Kelly Cristiane Ibrahim (ao fundo) cuidam da revisão gramatical dos textos;

4. Embora a RMB esteja disponível em formato digital...

5. ...uma parte significativa dos leitores ainda prefere recebê-la fisicamente. Com isso, a distribuição dos exemplares fica sob os cuidados do Suboficial-RM1-CN Maurício Oliveira (à esq.) e do Marinheiro André Vidal.

Fotos: RMB



A RMB é editada dentro dos padrões de produção científica reconhecidos pelos meios acadêmicos. Por isso, possui conceito Qualis da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes).



A linha editorial definida pelo fundador da RMB, Sabino Eloy Pessoa, tem sido mantida com pequenas variações, fruto de tradição e perseverança dos editores, autores e colaboradores.



suas linhas, tornar disponível substancial manancial de estudo da classe de que é órgão específico. Traz contribuições de estudiosos, pesquisadores e jovens oficiais e as importantes lições dos chefes e mestres da Marinha, a quem mais de perto incumbe o preparo técnico do futuro do país pela difusão dos conhecimentos adquiridos em longa experiência.

Hoje, assim julgamos, a *RMB* vem cumprindo sua missão e é referência tanto para pesquisa histórica e científica como para a atualização de conceitos e doutrinas. É, sobretudo, um veículo de intercâmbio de ideias que contribui para o estudo e a estimulação do pensamento naval, além de buscar divulgar a consciência marítima. É também meio, por excelência, de divulgação de conhecimentos relacionados ao Poder Marítimo.

O mérito dessas realizações é das inúmeras gerações de editores, redatores, revisores, diagramadores, colaboradores e assinantes, que, por meio de seus esforços, reflexões escritas e apoio, mantêm viva a chama original das orientações de nosso fundador. Hoje, com

os vertiginosos avanços da tecnologia, mais do que nunca, têm razão de ser os debates sobre o emprego ideal de meios navais e da estratégia adequada a eles, ligando políticas e estratégias aos meios necessários e a possibilidades reais, considerando a evolução do pensamento naval brasileiro.

Por isso, além de ter o valor de ser a mais antiga revista marítima do mundo em circulação, a *RMB* segue viva e atuante. Em compasso com os tempos atuais, ela está presente na internet – www.marinha.mil.br/rmb –, onde foi recentemente lançada a *RMB Digital*, que prevê acesso exclusivo a assinantes à leitura *on-line* das últimas edições, além de permitir pesquisa em todo o acervo histórico. Seus exemplares trimestrais são distribuídos para além dos assinantes regulares, alcançando Academia, bibliotecas públicas, clubes náuticos e órgãos ligados às lides do mar, no país e no exterior.

Acalentando o espírito renovador da época atual, a *RMB* prossegue sua singradura divulgando maritimidade, com a força de seus assinantes e colaboradores! ■



AQUI SE FAZ
HISTÓRIA



“O aperfeiçoamento é constante e gratificante”

Deolinda Oliveira Monteiro
Servidora Pública Jornalista

Comecei a trabalhar na Marinha em 1994, na categoria funcional de Técnica em Comunicação Social – Jornalismo, atuando como revisora no então Serviço de Documentação da Marinha (SDM), berço da DPHDM. Trabalhei tanto na revisão como na redação de textos até 2019, quando me aposentei. Aceitei então o convite para continuar a fazer parte da equipe da Revista Marítima Brasileira, como prestadora de serviços, exercendo as mesmas atividades que tantos conhecimentos me trouxeram, seja em relação à língua portuguesa, instrumento fascinante do meu trabalho, seja em relação aos assuntos do mar e dessa gloriosa Força que é a Marinha do Brasil. O aperfeiçoamento é constante e gratificante. A cada momento, a cada trabalho revisado ou redigido, sigo aprendendo mais sobre a nossa língua, viva e em movimento. E a cada dia sei um pouco mais sobre o mar e a Instituição, sua história e as tecnologias por ela desenvolvidas rumo à Marinha do Amanhã.

“É com orgulho que trabalho na RMB, pois entendo sua importância na preservação da história e divulgação da Marinha do Brasil”

Rebeca Pinheiro Gonçalves
Designer da RMB

Conheci a DPHDM em 2008, ainda universitária, quando comecei a estagiar no Departamento de Publicações e Divulgação. Lá, participei da criação de livros, informativos, ilustrações, exposição na Ilha Fiscal, e tantos outros projetos que me desenvolveram como profissional. Sob orientação de uma equipe onde se destacavam compromisso, competência e respeito, adquiri conhecimentos que carrego para a vida. Anos mais tarde tive a alegria de ser contratada para trabalhar na Revista Marítima Brasileira e assim, novamente na DPHDM, poder colaborar com sua missão. É com orgulho que hoje trabalho no design e diagramação das revistas, pois entendo sua importância direta na preservação da história e divulgação da Marinha do Brasil, além de contribuir com assuntos relevantes ao desenvolvimento do nosso país. Minha gratidão e felicitação pelos 80 anos da DPHDM!





3



GESTÃO

Em uma organização cuja razão de ser é o atendimento ao público, é natural que as atividades voltadas a este fim sejam o centro das atenções. No entanto, as atividades-meio não podem – nem devem – sair de foco. Muito pelo contrário: sem a estrutura e suporte que oferecem, as experiências que tanto encantam os visitantes não aconteceriam. Nas próximas páginas, os Departamentos de Administração e dos Meios Navais terão seu momento de fama. Uma justa homenagem aos profissionais que se dedicam a gerenciar recursos, a garantir o clima organizacional satisfatório e a promover o funcionamento da Diretoria de acordo com as diretrizes organizacionais e os meios disponibilizados pela Marinha. Afinal de contas, departamentos só existem porque, por detrás dos processos e equipamentos, há muita gente dedicada e comprometida.





DPHDM 80 ANOS



Departamento de
ADMINISTRAÇÃO
DPHDM-20



Essencial

INVISÍVEL AOS OLHOS

*Para contar a história da Marinha
e proporcionar experiências memoráveis
ao seu público, dezenas de profissionais
atuam neste versátil departamento,
nos bastidores da DPHDM*

Composto por aproximadamente 70 militares e servidores públicos, o Departamento de Administração é responsável por dar suporte às atividades desenvolvidas pela DPHDM. Esse apoio se materializa em diversas atribuições que envolvem desde tarefas simples — como o transporte de pessoal e equipamentos — até empreitadas de maior complexidade, como licitações e projetos para obras e serviços de Engenharia. A atual configuração do departamento conta com as divisões de Pessoal; Intendência; Prefeitura e Projetos, Obras e Serviços.

*Capital humano, o ativo
mais valioso da DPHDM*

Em um mundo cada vez mais dinâmico e competitivo, a gestão de pessoas é essencial para o sucesso de qualquer instituição. Na DPHDM essa preocupação também se faz presente na Divisão de Pessoal que cuida da força de trabalho.

A Seção de Pessoal Militar garante que os registros e controles dos oficiais e praças estejam sempre atualizados. Além disso, busca promover um clima organizacional favorável que contribua para o engajamento e o bom desempenho da tripulação. Essa é uma preocupação frequente, pois a rotina militar requer

abdicção e abnegação constantes, muitas vezes resultando em pouco tempo disponível para a vida pessoal diante das escalas de serviço e atividades laborais.

A Seção de Pessoal Civil cuida dos direitos e deveres de militares da reserva e reformados prestando Tarefa por Tempo Certo, dos servidores públicos e dos estagiários. Graças à parceria com a Diretoria de Assistência Social da Marinha (DASM) e com o Abrigo do Marinheiro (AMN), promove a divulgação de programas e projetos sociais para o público interno. Com isso, os integrantes da DPHDM têm a oportunidade de replicarem em seus lares conceitos como educação financeira e prevenção à dependência química, por exemplo. É um impacto expressivo, especialmente ao considerar que essa informação é reverberada às famílias de mais de duas centenas de militares e servidores atuantes na Diretoria. Ainda como fruto do

comprometimento com a Família Naval, a seção lida de forma individualizada com membros da tripulação em situações vulneráveis, permitindo que o atendido possa realizar suas atividades profissionais da forma mais tranquila.

Alinhamento para a melhor gestão de recursos

As atividades de pagamento, orçamento e licitações ficam a cargo da Divisão de Intendência, que as conduzem em conformidade com as boas práticas da gestão pública. Seu objetivo principal é garantir o equilíbrio da gestão dos recursos da União. Por meio de um diálogo constante com a Assessoria de Planejamento da DPHDM, a Divisão aprimora seus processos internos e otimiza a eficiência e a transparência das operações. Além disso, empenha-se na sinergia com outros entes públicos para evitar desperdícios. Como exemplo, a Divisão recebeu do Instituto Nacional da Propriedade Industrial (INPI), em 2019, uma

Manter um bom clima organizacional é uma preocupação frequente, pois a rotina militar requer abdicção e abnegação constantes, muitas vezes resultando em pouco tempo disponível para a vida pessoal diante das escalas de serviço e atividades laborais.





doação de mobiliário que resultou na economia de mais de R\$ 100 mil para a Diretoria.

Outra atuação significativa está nas atividades relacionadas a licitações, contratos, participações e adesões, seja viabilizando as etapas das compras públicas ou promovendo treinamentos internos. A DPHDM incentiva a tripulação a se qualificar no assunto, pois entende que a capacitação de todos os envolvidos otimiza o uso do erário.

Prefeitura, o coração do Departamento e a força-motriz da OM

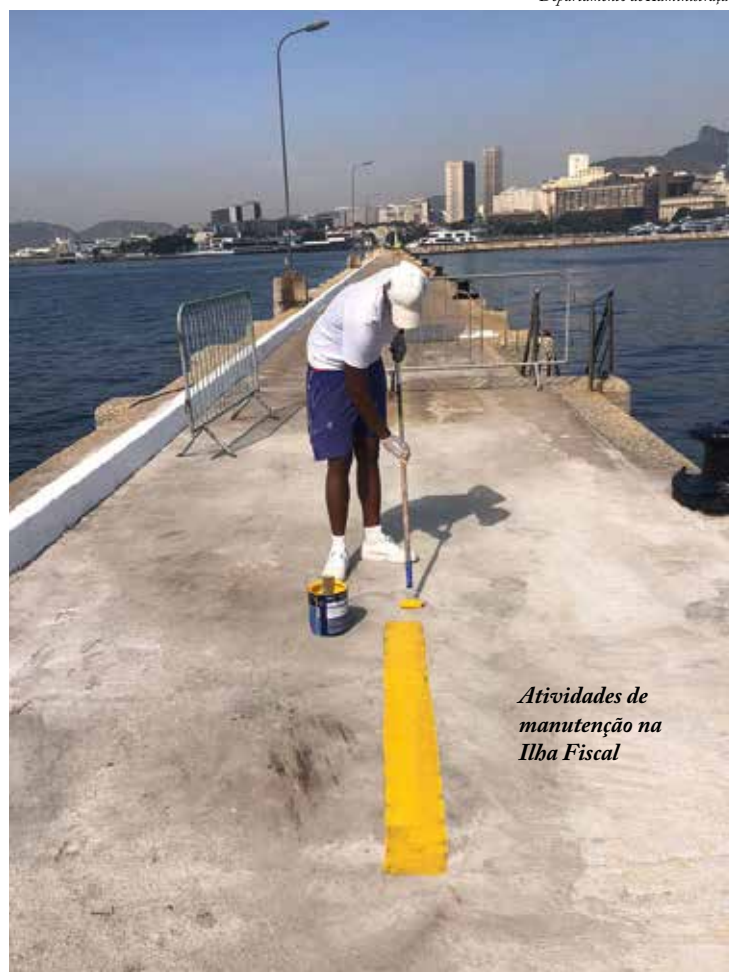
Os visitantes não notam, mas há sempre um integrante desta divisão ajustando e reparando algum ponto do Museu Naval, do Espaço Cultural da Marinha e de cada subsede da DPHDM. A Divisão de Prefeitura gerencia as viaturas e mantém o funcionamento das instalações do Complexo Cultural da Diretoria. Cada prédio conta com uma seção da divisão

para cuidar da manutenção elétrica, hidráulica e estrutural e do controle de avarias. Aliás, sem outros reforços do departamento, as atividades da OM certamente estariam comprometidas, pois também é da Prefeitura a mão de obra para limpeza, montagem de exposições, movimentações de acervo, dentre outras. Em 2023, grande parte da divisão esteve presente nos trabalhos de preparação para a reabertura da Ilha Fiscal à visitação pública, fechada por 1 ano e meio para reformas estruturais. É um trabalho constante e diário.

Estética e estrutura

Cabe à Divisão de Projetos, Obras e Serviços elaborar projetos de obras e serviços, bem como fiscalizar, prestar assessoria técnica na manutenção predial e executar as atividades necessárias ao registro e controle dos Tombos. Partiu desta divisão parte das diretrizes que

Departamento de Administração



*Atividades de
manutenção na
Ilha Fiscal*

Ao cuidar das edificações da DPHDM, a divisão colabora para a preservação da história da Marinha do Brasil e para a cultura carioca, ao contribuir com o sucesso do turismo e da cultura no Centro do Rio. Valorizar e conservar a arquitetura é preservar a memória e o legado da nação.

Departamento de Administração



1 FACHADA PRINCIPAL - RUA DOM MANUEL
ESCALA: 1/50

nortearam o concurso público para escolher o projeto do MuMa (Museu Marítimo do Brasil), ocorrido em 2023 em parceria com o Instituto de Arquitetos do Brasil (*leia mais sobre o assunto a partir da pág. 89*). Ao cuidar das edificações da DPHDM, a divisão colabora para a preservação da história da Marinha do Brasil e para a cultura carioca, ao contribuir com o sucesso do turismo e da cultura no Centro do Rio. Valorizar e conservar a arquitetura é preservar a memória e o legado da nação, garantindo sua continuidade para as próximas gerações.

Enfrentando restrições, mas buscando eficiência

Novas demandas para os recursos humanos e financeiros vão surgindo à medida que as atividades da DPHDM tornam-se mais complexas e conhecidas pelo público. Isso é um desafio para o Departamento de Administração que, na medida do possível, introduz boas práticas de gestão adotadas pela sociedade.

Atuando nos bastidores, o árduo trabalho da Administração pode passar despercebido, mas é o resultado que importa. Cada um de seus militares e servidores está pronto para auxiliar os setores da OM que realizam a atividade-fim. ■



“Participei desde o projeto conceitual até parte do último trecho de obras de recuperação das fundações do píer”

Manuel Freitas

Servidor Público. Engenheiro Civil, Encarregado da Divisão de Projetos, Obras e Serviços

Cheguei ao Serviço de Documentação da Marinha (SDM) em 2003, mas antes estive por uma semana na Diretoria de Administração da Marinha (DAdM). De lá, contemplava a Baía de Guanabara e seu entorno pelo belo prédio Almirante Gastão Motta. Logo à frente, via o Espaço Cultural da Marinha (ECM), cujo píer no qual está assentado foi construído em meados do séc. XIX por ensecadeiras, máquinas de transporte de peso e bombas movidas a vapor. Um engendramento de sistemas homem e máquina para construir uma base para receber o píer que serviria de depósito de mercadorias para a Alfândega do porto do Rio de Janeiro, posteriormente sendo ocupado por depósito de combustíveis e oficina aos navios da empresa Lloyd do Brasil.

Um dia, deparei-me analisando a linha descrita entre o perfil longitudinal do píer do ECM e a linha d'água lindeira. Havia uma linha quebradiça que descrevia uma parábola ao centro. Desliguei-me desta observação.

Assim que cheguei ao SDM, fui incumbido pelo Diretor CMG Luiz Henrique a planejar as obras e serviços necessários para manter os prédios. Ao visitar o ECM, lembrei daquela linha abaulada e perguntei ao Cabo Pampolha, que estava no local: “É possível inspecionar o píer por baixo com essa embarcação?” E o Praça respondeu: “Afirmativo. Como a maré está vazante, ficará fácil essa inspeção. Isso será possível até a primeira metade, pois o restante da edificação é fechado com um paramento de embarcações feito em cantarias e a inspeção somente será possível contornando o perímetro”.

Embarquei na chalana e nos posicionamos debaixo dos arcos longitudinais e transversais, formados por

grandes blocos de granito, justapostos, gerando grandes arcos apoiados em robustos pilares, o mesmo processo construtivo das pontes europeias naquele período.

Apavorado, vi incontáveis fissuras, rachaduras e fendas em lajes, vigas e pilares de tal ordem que, em algumas, introduzia meu braço. Produzi um relatório ao Diretor, que entendeu a gravidade da situação e encaminhou o documento à Diretoria de Obras Cíveis da Marinha. Uma equipe de técnicos da DOCM confirmou as suspeitas; o local foi interditado e, em caráter emergencial, uma empresa foi contratada para projetar a recuperação estrutural do píer em face do elevado risco de desmoronamento.

O projeto básico possibilitou as contratações. A primeira licitação conduzida pela DOCM abarcou quatro arcos transversais, os mais críticos. A segunda abrangeu nove arcos e foi conduzida pela DPHDM com a fiscalização técnica da DOCM. Já a terceira e última abarcou os doze arcos restantes, sendo que o Projeto Básico e a Gestão foram conduzidos pela DPHDM e a fiscalização técnica, exercida em conjunto com a DOCM.

Neste período, o Departamento de Administração contava com um engenheiro, uma arquiteta e um técnico de edificações. A obra foi concluída em dezembro de 2020.

Participei de todas as etapas, desde o projeto conceitual até boa parte do último trecho de obras de recuperação das fundações do píer, quando saí para um curso de aperfeiçoamento. Esta ação de recuperação das estruturas do píer no qual foi construído, na década de 1990, o ECM permitiu resgatar a importância de um ativo imobiliário de elevado valor material e imaterial e que servirá, num futuro próximo, para a construção do novo Museu Marítimo do Brasil.



DPHDM 80 ANOS



Departamento de
MEIOS NAVAIS
DPHDM-60



ANTES NAVEGAVAM. AGORA, CONTAM **histórias**

Conheça as jornadas dos navios-museu da DPHDM, resultado do trabalho quase indissociável entre o Departamento dos Meios Navais e a Museologia

Caso um visitante caminhasse por entre a equipe dos Meios Navais observando seus uniformes, afazeres e rotinas e comparasse este cenário aos demais setores da DPHDM, encontraria aqui a “verdadeira” Marinha, aquela que povoa o imaginário de muita gente. O Departamento de Meios Navais garante a preservação dos navios-museu sob a guarda da Diretoria, além de coordenar todas as atividades relacionadas à operação do Rebocador *Laurindo Pitta* e da Escuna *Nogueira da Gama*. O Departamento de Meios Navais planeja, executa e gerencia

tarefas logísticas relacionadas a abastecimento e manutenção das embarcações. Supervisiona procedimentos de segurança, executa atividades marinheiras, maneja o material de Controle de Avarias, coordena o Sistema de Manutenção Planejada e o Programa de Adestramento dos militares dos meios. As atividades garantem a operacionalidade e a perpetuação desses navios valiosos, bem como o treinamento adequado dos profissionais que deles cuidam.

A origem do Departamento é bastante curiosa e remonta a agosto de 1982. Na época, o Contratorpedeiro de Escolta (CTE)

Bauru estava sob a responsabilidade do Comando do 1º Distrito Naval, que o mantinha na Enseada da Marina da Glória, próximo ao Monumento Nacional aos Mortos da Segunda Guerra Mundial, no Rio de Janeiro. No entanto, o navio foi duramente atingido por uma ressaca e para evitar choque com os rochedos da enseada, os rebocadores da Base Naval do Rio de Janeiro removeram o CTE *Bauru* para o cais do 1º Distrito Naval. Tempos depois, o então Serviço de Documentação da Marinha (SDM) recebeu a incumbência de incorporar a embarcação em seu acervo, tarefa aparentemente incompatível a uma organização militar de caráter administrativo. Eis que o cais que hospedava a antiga Companhia de Navegação Lloyd Brasileiro, próximo à sede do SDM, estava ocioso, envolvido em disputas legais e era alvo frequente de invasões. O Vice-Almirante Mauro César Rodrigues Pereira, então Comandante do 1º Distrito Naval,

ordenou que fuzileiros navais tomassem o local a fim de acabar com as ocupações indevidas. A partir daí, o SDM foi encarregado de administrar o atracadouro. Os anos se passaram, o SDM evoluiu para a DPHDM, chegaram novos meios navais (móveis e expositivos) e assim nasceu o acervo de navios-museu da Diretoria, o que gerou a necessidade de criar, na estrutura administrativa, um departamento dedicado à manutenção dos navios-museu, o Departamento de Meios Navais.

Rebocador-Museu Laurindo Pitta

Sua construção ocorreu nos Estaleiros Vickers, Sons & Maxim Limited, na cidade inglesa de Barrow-in-Furness, famosa por sua indústria naval. Foi incorporado à Armada brasileira como navio de apoio em 30 de setembro de 1910. A aquisição fazia parte de um programa de reaparelhamento naval da Marinha do Brasil, impulsionado pelo Deputado Federal

“Trabalhamos para propiciar ao brasileiro a percepção de sua inata vocação marítima”

Alvaro Lima

Capitão de Mar e Guerra (RM1), Chefe do Departamento dos Meios Navais

Como atual chefe do Departamento, tenho a clara noção que meu objetivo é conectar os visitantes com o passado e o presente, mantendo os diversos navios-museu operacionais em seus passeios pela Baía de Guanabara, assim como os demais meios que ficam atracados com a segurança necessária no quesito flutuabilidade. Graças aos meus antecessores, oficiais e praças, mantemos as atrações do Espaço Cultural da Marinha, encantando os turistas com a rica história da Marinha do Brasil e fazendo com que o garbo desses valerosos navios mantenham-se pujantes. A execução dos Passeios Marítimos pela Baía de Guanabara, onde os visitantes conhecem diversos pontos históricos e turísticos do Rio de Janeiro, como a Ilha Fiscal, a Ilha de Villegagnon, a Fortaleza de São João, a Fortaleza Santa Cruz e o Museu de Arte Contemporânea, faz com que os mesmos tenham o privilégio de ter o contato com o mar, desenvolvendo neles a mentalidade marítima tão necessária nos dias atuais. Trabalhamos e agimos com infindável dedicação e orgulho para propiciar ao povo brasileiro a percepção de sua inata vocação marítima.



Laurindo Pitta de Castro. Com 39 metros de comprimento, 8 metros de boca, 4,5 metros de calado, e 514 toneladas de deslocamento, o *Laurindo Pitta* possuía uma máquina a vapor de tríplex expansão, 850 HP de potência. Atingia uma velocidade de 11 nós, equivalente a pouco mais de 20 km/h, e possuía capacidade para 34 tripulantes. O navio teve um papel relevante na Primeira Guerra Mundial, patrulhando a costa africana como integrante da Divisão Naval em Operações de Guerra (DNOG). Após o conflito, serviu como rebocador de porto no Arsenal de Marinha e na Base Naval do Rio de Janeiro. Em 1997, parecia destinado ao esquecimento, mas encontrou um novo propósito quando foi restaurado e transformado em navio-museu. O contrato com o Estaleiro Itajaí S.A para a restauração do rebocador foi assinado em 16 de abril de 1998 com o apoio da Liga dos Amigos do Museu Naval. Com o término da obra para conversão em Embarca-

ção de Transporte de Passageiros e da reforma geral, que duraram cerca de um ano, o *Laurindo Pitta* foi integrado à estrutura orgânica do Serviço de Documentação da Marinha em 24 de outubro de 1999. Hoje, o "Pitta" continua ativo, realizando missões de representação e

Reprodução



Rebocador de Alto-Mar Laurindo Pitta: incorporado à Marinha em 30 de setembro de 1910. Sua aquisição fez parte de um programa de reaparelhamento naval.



“Iniciei e terminei minha carreira na Marinha pisando nos conveses do Bauru”

Nei Cesar Correia da Silva
Suboficial AV-RV, Mestre dos Meios Navais

Arquivo da Marinha



Minha relação com o Navio-Museu Bauru inicia-se em 1991 quando, ainda sendo um jovem marinheiro, pisei nos conveses deste valoroso navio. Conhecedor de sua história e importância no cenário naval, percebi que deveria trabalhar bastante para manter viva a tradição do único navio em serviço ativo na Marinha do Brasil participante da Segunda Guerra Mundial. Após cerca de 28 anos, tive a grata satisfação de retornar ao meu primeiro navio, agora como Mestre dos Meios Navais, tendo não só o Navio-Museu Bauru, mas os demais meios móveis e expositivos sob minha supervisão. Quis o destino que eu iniciasse minha carreira na Marinha do Brasil e a terminasse pisando nos conveses desse navio que ficará marcado para sempre em minha memória.





1



2

CT (AA) Renan Cunha da Silva



3



4



5



1. *Navio-Museu Bauru*;

2. *Submarino-Museu Riachuelo*;

3. *Rebocador-Museu Laurindo Pitta*;

4. *Nau dos Descobrimentos*;

5. *Escuna Nogueira da Gama*.

passeios marítimos. Com mais de 110 anos ainda navega, encantando os visitantes com suas inconfundíveis chaminés amarelas.

Navio-Museu Bauru

Incorporado à Marinha do Brasil em 15 de agosto de 1944, o contratorpedeiro de escolta recebeu o indicativo visual *Be4* e integrou a Força Naval do Nordeste durante a Segunda Guerra Mundial. Dentre as numerosas missões desempenhadas durante sua vida ativa, destacam-se as operações antissubmarinos, escoltas a comboios e apoio ao serviço aéreo de evacuação das tropas americanas vindas da Europa. Durante o conflito mundial, navegou mais de 46 mil milhas e fez 188 dias de mar. Décadas mais tarde, realizou sua última missão na Esquadra como contratorpedeiro em 21 de março de 1964: uma viagem de ambientação com alunos do Colégio Naval. Após sua reclassificação, no mesmo ano, como Aviso Oceânico, passou a navegar em missões de apoio, tais como a faróis, ao Posto Oceanográfico da Ilha de Trindade, a regatas interoceânicas, em viagens de instrução de aspirantes da Escola Naval, de alunos do Colégio Naval e das Escolas de Aprendizes-Marinheiros e em recuperação de boias desgarradas. Passou por uma reforma minuciosa para se tornar o primeiro navio-museu da Marinha do Brasil, que incluiu a recupe-

ração do casco, das máquinas e reconstituição de armas antigas. Internamente, foram recriados ambientes da época da Segunda Guerra, permitindo ao público vivenciar a experiência marinheira. O navio-museu foi aberto à visitação pública em 1982, ancorado na Marina da Glória, no Rio de Janeiro. Posteriormente, foi movimentado para os portos de Santos (SP), São Sebastião (SP), Vitória (ES), Salvador (BA), Base Naval de Aratu (BA), Rio Grande (RS), Porto Alegre (RS) e Angra dos Reis (RJ), promovendo a difusão da cultura marítima. Desde 1996, o *Bauru* está sediado no Espaço Cultural da Marinha, onde continua a contar sua história.

O Submarino-Museu Riachuelo

Incorporado à Marinha do Brasil em 27 de janeiro de 1977. Assim como o Rebocador *Laurindo Pitta*, também foi construído nos Estaleiros Vickers Limited, em Barrow-in-Furnes, Inglaterra. A cerimônia do início da construção (o “batimento de quilha” no jargão marinheiro) ocorreu em 26 de abril de 1973, mas o submarino só foi lançado ao mar em 6 de setembro de 1975. Recebeu o indicativo visual *S-22* e comportava uma tripulação de sete oficiais e 70 praças. Durante seu serviço ativo, navegou por cerca de 182 mil milhas, perfazendo 1.283,5 dias de mar e 17.699 horas e 41 minutos de imersão. Em 12 de novembro de 1997, foi reclassificado como Submarino-Museu e entregue ao Serviço de Documentação da Marinha. Passou por 11 meses de obras de preparação e adaptação no Arsenal de Marinha do Rio de Janeiro, que mantiveram seu aspecto original para retratar a vida a bordo de um submarino. Atualmente, está aberto ao público no Espaço Cultural da Marinha. Curiosamente, homenageia os



marinheiros que lá navegaram com o uso de manequins, que ostentam em seus macacões os mesmos nomes dos integrantes da última tripulação. Já não está mais aprisionado ao silêncio no fundo dos oceanos, mas convive com a rotina dos visitantes. A ocultação, outrora fundamental, dá lugar à exposição voluntária. Suas escotilhas e portas estão sempre abertas a todos, mostrando como era sacrificado o dia a dia daqueles que ali embarcaram.

Escuna Nogueira da Gama

A Escuna *Nogueira da Gama* foi incorporada à estrutura orgânica do SDM em 4 de novembro de 2003. Sua incorporação foi parte dos esforços para o atendimento ao público que visita o Espaço Cultural da Marinha, em especial à Ilha Fiscal, onde realiza o traslado dos visitantes.

Nau dos Descobrimentos

A Nau dos Descobrimentos — inicialmente denominada Nau Capitânia — é uma

“Ressalto a dedicação de diversos meios n

Quase 30 anos de minha vida na Marinha foram dedicados à Diretoria do Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha (DPHDM). Presenciei a mudança da denominação inicial de Serviço de Documentação da Marinha (SDM) para o nome atual.

Assim como eu, ressalto a dedicação de diversos oficiais e praças que mantiveram em alto padrão os meios navais e expositivos contribuindo para que as condições similares desses meios se mantivessem originais. É um trabalho árduo e difícil, pois na medida em que meios são dispensados da vida ativa, tem-se a ideia de que não necessitam de investimento para transformá-los em acervos museológicos com suas exposições e equipamentos retratando uma época áurea de suas vidas.

Ao longo desse tempo, fui testemunha viva de vários fatos atípicos do cotidiano da Diretoria que tiveram sua relevância sendo dignos de citação. Para exemplificá-los, relato alguns desses fatos nos parágrafos seguintes que para sempre ficarão gravados em minha memória:

Em 1997, foi comunicado ao SDM que a Marinha tinha determinado a transferência do Rebocador Laurindo Pitta para nossa organização militar, a fim de preservá-lo. O que desconhecíamos era que ele encontrava-se totalmente destruído na Base Naval do Rio de Janeiro. Seus motores estavam irrecuperáveis. A parceria com a Sociedade dos Amigos da Marinha (SOAMAR - Itajaí) foi fundamental para encontrarmos a solução, e algumas metas foram delineadas: substituição dos motores propulsores e dos geradores; instalação de sistema aprovado de combate a incêndio, de um radar de navegação e do bow thruster na proa; substituição dos equipamentos de comunicação; substituição do controle da propulsão no passadiço e na praça de máquinas; substituição do quadro elétrico principal e auxiliares; substituição do ecobatímetro e do sistema hidráulico





réplica adaptada de uma nau portuguesa do final do século XV. Foi construída na Base Naval de Aratu, em 2000, para as comemorações dos 500 anos do Descobrimento do Brasil. Nela, foram montadas ambientações com recursos cenográficos e museográficos, assim como painéis com textos e imagens que permitem maior conhecimento de como era a vida no mar durante a Época dos Descobrimentos. Atualmente, está no Espaço Cultural da Marinha. ■

DPHDM/CT (RNR-T) Rômulo Coelho Lisboa



Escuna Nogueira da Gama em navegação

**AQUI SE FAZ
HISTÓRIA**

os Oficiais e Praças para que as navais se mantivessem originais”

Hideo Miyoshi

Capitão de Mar e Guerra Reformado

do comando do leme. Foram instalados bancos que o capacitaram a levar 90 passageiros em seus passeios marítimos. Por questão de justiça, a reforma do rebocador a cargo do estaleiro em Itajaí é digna de exemplo de uma empresa civil que presta serviço à Marinha de forma voluntária e eficiente.

Pouco tempo depois, o Comandante do SDM, Max Justo Guedes, determinou que nós nos preparássemos para receber o submarino da Classe Guppy, o Bahia, como mais um acervo marítimo para a Museologia. No final das contas, a decisão acabou sendo receber o Submarino Riachuelo, que passou por vários investimentos museológicos e diversas adaptações para receber os visitantes. Esse submarino teve como seu primeiro comandante o Capitão de Fragata José Luiz Feio Obino, que realizou uma façanha para a época: fazer a travessia da Inglaterra para o Brasil "snorqueando".

Em 2003, o SDM recebeu a comunicação de que haveria a possibilidade de receber uma escuna de madeira apreendida pelos órgãos competentes devido a seu estado irregular de documentação. Ao ser incorporada

ao acervo do SDM, constatou-se que o madeirame estava tomado de cupins. Recursos consideráveis foram dispendidos a fim de acabar com a infestação dos insetos, e a troca de madeiras foi efetuada. A estabilidade foi corrigida com a colocação de lastro no casco e recebemos, enfim, a autorização para o transporte de 90 passageiros com segurança à Ilha Fiscal, conduzindo todos que desejavam conhecer uma das atrações dignas de nota da atual DPHDM.

A Nau dos Descobrimentos chegou ao Espaço Cultural da Marinha em 2008 após ter sido transferida do Ministério da Cultura para o Comando da Marinha. De forma a viabilizar sua atracação ao cais, foram adquiridas defensas pneumáticas pelo Adido Naval nos Estados Unidos da América. A aquisição foi intermediada pelo então Diretor de Abastecimento da Marinha, Vice-Almirante (IM) Márcio Menezes Mendonça que, de forma profissional e entendendo a carência de recursos, pôde viabilizar o recebimento das defensas para garantir a segurança da embarcação quando atracada.

GESTÃO





4



CULTURA

O acervo é a matéria-prima da missão institucional e a produção de conteúdo é a forma como este princípio é concebido. Logo, as atrações voltadas ao público são a materialização da missão da Diretoria, a linha de chegada do trabalho de centenas de servidores públicos e militares. É nesta etapa que entram em ação a Gerência de Visitação dos Espaços Culturais, servindo de termômetro entre o discurso idealizado pela DPHDM e o que foi assimilado pelos públicos de interesse da Organização, e a Seção de Tecnologia da Informação, para disseminar a missão da Diretoria via web. E como o futuro é sempre uma meta a ser alcançada, as Assessorias Culturais e de Organização marcam presença na definição das próximas estratégias. Aonde mais a DPHDM pode chegar daqui para frente?

S22

Gerência de
VISITAÇÃO
DPHDM-0143



Muito prazer EM RECEBER

*Atuando como porta de entrada da DPHDM,
a Gerência de Visitação trabalha para que
o público vivencie a melhor experiência
possível nas dependências da DPHDM*

Se os departamentos de Administração e Meios Navais são os bastidores do espetáculo, a Gerência de Visitação é a mestre de cerimônias. Com habilidade ímpar, abre as portas da Diretoria para o público, recebendo a todos com honras no Museu Naval, Espaço Cultural da Marinha e Ilha Fiscal.

Tudo o que está relacionado aos espaços visitáveis diz respeito a esta gerência — desde quem está ali por diversão até as empresas e entidades que veem nestes locais algo de relevante para suas marcas. Cabe à gerência coordenar o uso dos espaços para recepções, casamentos, cerimônias, eventos civis e militares, assim como para gravações de campanhas publicitárias e

uma ampla gama de produções audiovisuais. Abre os espaços a ensaios fotográficos para distintas ocasiões e recebe *influencers* interessados em divulgar as atrações do Complexo. Seja para pequenos grupos fechados ou para grandes comitivas, promove o agendamento para visitas à Ilha Fiscal, ao Espaço Cultural da Marinha e ao Museu Naval, além do Passeio Marítimo — um *tour* pela Baía de Guanabara com cerca de uma hora e meia de duração que mostra os principais pontos turísticos do entorno por um ponto de vista não tão explorado pelos turistas. Eventualmente, distribui cortesias mediante condições previamente determinadas pela direção da DPHDM.





1



2



3



4

A gestão da bilheteria, os aspectos contábeis das vendas, bem como a interface com a plataforma *Ingresso com Desconto* estão sob controle da Gerência de Visitação. A equipe lida com a rotina de funcionamento dos espaços, em especial no estabelecimento de diretrizes para o grupo de serviço no atendimento ao público. É o ponto de contato entre a Diretoria e os terceirizados que incrementam o serviço prestado, como as profissionais que realizam guiamento no Passeio Marítimo e na Ilha Fiscal e os estagiários que recebem os visitantes nos portões do Museu Naval e Espaço Cultural da Marinha, chamados de “Posso Ajudar”. Os estudantes universitários recebem treinamento para oferecer ao visitante um atendimento impessoal, mas educado e cortês — os circuitos expositivos do Museu Naval, Nau dos Descobrimentos, Helicóptero *Sea King*, Submarino *Riachuelo* e Contratorpedeiro de Escolta *Bauru* são autoexplicativos.

Com relação às entidades governamentais cariocas, a gerência desenvolve parcerias para fortalecer o corredor cultural do Centro do Rio. Em 2021, capitaneou a inclusão da DPHDM no *Passaporte Cultural*, programa criado pela Secretaria de Cultura do Estado do Rio de Janeiro para democratizar o acesso aos espaços museais do estado à população de baixa renda. O empreendimento posicionou o Museu Naval e o Espaço Cultural da Marinha entre importantes equipamentos culturais da cidade, como Planetário, AquaRio, Museu do Amanhã, Parque Lage e Theatro Municipal.

A voz do visitante dentro da DPHDM

Embora não seja classificada como um departamento, a Gerência de Visitação impacta o funcionamento da Diretoria de forma global. Dela, parte o *feedback* para os depar-



tamentos de Administração, Meios Navais e Museologia no que se refere à manutenção dos espaços físicos e museais. A gerência elabora relatórios periódicos, alimentados por sua constante interação com os visitantes via correio eletrônico, ouvidoria, livro de sugestões ou até pessoalmente. A partir desses pareceres, os museólogos podem, por exemplo, avaliar a receptividade do público aos circuitos expositivos, o que ajuda os profissionais a pensarem em novas atrações, em soluções de acessibilidade ou a fazerem alguma correção em exposições já abertas, como iluminação ou ajuste nas vitrines.

Assim como a gerência coopera com os departamentos da DPHDM, a atuação dos setores também impacta na avaliação do público sobre a visitação. Os elogios vêm como resultado do esforço de muitos envolvidos, desde o “Posso Ajudar” passando pela bilheteria, pelo grupo de serviço, pela tripulação do barco de passeio, pela pontualidade no embarque, pela equipe de limpeza, pelas preservadas instalações locais... O público não enxerga a DPHDM como uma instituição compartimentada. Para ele, tudo é Marinha do Brasil e, ao estarem sob o teto da DPHDM, todos os pontos de contato com a Força são de responsabilidade da Diretoria.

Entretanto, imprevistos acontecem, e quem lida com gente é desafiado a contorná-los o tempo todo. Portanto, gerenciar conflitos é, talvez, uma das funções mais expressivas da Gerência de Visitação. Não se pode ter o domínio sobre todas as variáveis que envolvem o trato com pessoas: é a internet que trava por razões alheias aos envolvidos; é o mau tempo que impossibilita o passeio de barco; ou mesmo uma mudança dos ventos que, de supetão, impede a subida na prancha do navio-museu.

1. *Aeronave Skyhawk;*

2. *Helicóptero Antissubmarino SH3 Sea King;*

3. *Nau dos Descobrimentos;*

4. *Carros de Combate;*

5. *Visitantes do Navio-Museu Bauru;*

6. *Visitantes realizando o Passeio Marítimo;*

7. *Interior do Submarino-Museu Riachuelo.*

Fotos: Arquivo da Marinha



Reprodução





1

Uma iniciativa vista com apreço é o despertar nas crianças e jovens do interesse na Marinha do Brasil, para que possam considerar a instituição como uma opção profissional no futuro. Em junho de 2023, a Diretoria recebeu 1.600 alunos que certamente criaram lembranças carinhosas da Força e da DPHDM. A presença de grupos de cursos preparatórios para carreira militar é constante e muito bem-vinda.

A satisfação do visitante é primordial, pois com as redes sociais qualquer mal-estar repercute em escala exponencial. No entanto, garantir a segurança das famílias nas atrações é muito mais valioso do que qualquer curtida virtual.

O público militar

Para o público civil, os espaços culturais da DPHDM têm o objetivo básico de entreter. Já para o militar, têm o propósito de capacitar, ampliar conhecimentos e complementar o que é ensinado no Sistema de Ensino da Força. Com isso, a Gerência de Visitação intermediava inúmeras visitas vindas de escolas militares, Colégio Naval, Escola Naval, Escola de Formação de Oficiais da Marinha Mercante, diversos centros de instrução e diretorias especializadas, além de organizações militares do Exército Brasileiro, Força Aérea Brasileira e de nações amigas.

Outra iniciativa vista com apreço é o despertar nas crianças e jovens do interesse na Marinha do Brasil, para que possam considerar a instituição como uma opção profissional no futuro. Em junho de 2023, a Diretoria recebeu





1.600 alunos que certamente criaram lembranças carinhosas da Força e da DPHDM. A presença de grupos de cursos preparatórios para carreira militar é constante e muito bem-vinda. Enquanto os professores aproveitam para enfatizar *in loco* conteúdos dados em sala de aula, os alunos ganham aquela dose de estímulo para não desistirem do propósito de ingressar para a Marinha.

Uma vez ao ano, a Diretoria abre as portas das suas subsedes aos dependentes de seus tripulantes e servidores públicos para realizarem o Passeio Marítimo e conhecerem o Espaço Cultural da Marinha e a Ilha Fiscal. As famílias podem se ambientar com o universo militar e conhecer a parte divertida do trabalho militar. Esta é uma atividade com-

partilhada entre a Gerência de Visitações e a Museologia, que também organiza atividades especiais para este segmento do público interno ao longo do ano.

A escassez de recursos e pessoal, que poderia comprometer o bom atendimento ao público, instiga a Gerência de Visitação e outros setores da DPHDM a pensarem em soluções inventivas e acessíveis para esta questão. Mesmo diante dos desafios, a criatividade e a dedicação dessa equipe prevaleceram, garantindo que todos tenham acesso a essa rica experiência cultural e militar. Afinal, na DPHDM, cada visita é um mergulho profundo na história e nos valores da Marinha, encantando e inspirando a todos que cruzam o seu caminho. ■

Fotos: Gerência de Visitação



2

1. Alunos do Colégio Naval no Museu Naval. A sede da DPHDM recebe com frequência alunos e militares da Marinha, Exército, Aeronáutica e de forças de nações amigas;

2. Visita de membros da Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN) e nações amigas;

3. Visitantes se preparam para o deslocamento até o embarque do Passeio Marítimo;

4. Equipe da Gerência de Visitação.



3



4





STI: Tecnologia, conexão e facilidade na ponta dos dedos

Com o advento tecnológico, é impossível dispensar as facilidades que passamos a ter em nosso dia a dia. Para tanto, a DPHDM possui uma Seção de Tecnologia da Informação (STI), que diariamente supera desafios para facilitar o trabalho da tripulação, divulgar e tornar acessível ao público os produtos e serviços da Diretoria.

Cabe ao STI manter em plena condições de uso as estações de trabalho utilizadas pelos militares e servidores públicos, bem como equipamentos de informática, softwares, redes e bancos de dados da DPHDM. Também garante a segurança do sistema e do usuário, capacitando-o para utilizar a internet e intranet de forma segura e consciente.

Contudo, é pelos sítios eletrônicos da DPHDM e da Biblioteca da Marinha e pelo aplicativo Ma-



AQUI SE FAZ
HISTÓRIA



Telas do aplicativo Marinha Cultural: da compra de ingressos para as atrações da Diretoria a informações sobre programas de apoio à cultura.

rinha Cultural que o STI se aproxima da Família Naval e dos demais usuários, levando um pouco da Diretoria para os quatro cantos do mundo, onde quer que haja alguém interes-

sado em conhecer a atuação da Diretoria e a história da Força.

O aplicativo Marinha Cultural divulga atrações do Espaço Cultural da Marinha, Museu Naval e Ilha Fiscal, incluindo passeios marítimos, com possibilidade de compra de ingressos on-line pela parceria com a plataforma Ingresso com Desconto. Também são apresentadas as atividades do Arquivo da Marinha, da Editora Letras Marítimas e da Biblioteca da Marinha.

Graças ao trabalho em conjunto do STI e da Biblioteca da Marinha, o internauta tem acesso à Rede BIM, uma rede de bibliotecas integradas, com um vasto acervo de títulos em formato digital, que apoia os currículos dos cursos do Sistema de Ensino Naval e as bibliografias de bancas de prova para ingresso na Marinha. Neste mesmo sítio, ainda é possível acessar bases de dados relevantes, como a ABNT Coleção, o Portal de Periódicos da CAPES, entre outros; o Portal de Periódicos da Marinha do Brasil; o Repositório Institucional da DPHDM e o Repositório Institucional da Produção Científica da Marinha do Brasil.

Pelo sítio da DPHDM, é possível ver reflexos do STI na atuação de outros departamentos.

Na Museologia, por exemplo, possibilita o acesso a vídeos do projeto Museu em Cena. Já na Biblioteca da Marinha, viabiliza o acesso a repositórios e base de dados.





Assessorias
CULTURAL E DE ORGANIZAÇÃO
DPHDM-141 E DPHDM-012



AJUSTANDO O LEME PARA CHEGAR AO futuro

Como a Marinha pode atingir a visão de futuro na esfera cultural? Por meio do Museu Marítimo do Brasil, do Programa Patronos da Cultura Naval e das Diretrizes para a Cultura da Marinha

É preciso traçar uma trajetória clara e manter os olhos no horizonte para chegar ao destino desejado no tempo planejado. Essa orientação é concebível na rotina de um navegador e também na de uma organização, pois pode ser interpretada como a definição de visão de futuro. Na Diretoria do Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha (DPHDM), esse conceito estratégico tem a ver com a difusão da consciência marítima das formas mais inovadoras possíveis, o que está intimamente ligado

à missão institucional da Diretoria. Contudo, só é válido quando sai do campo das ideias e toma corpo em ações palpáveis, o que aqui se dá por meio do MuMa (Museu Marítimo do Brasil), do Programa *Patronos da Cultura Naval* e das *Diretrizes para a Cultura da Marinha*.

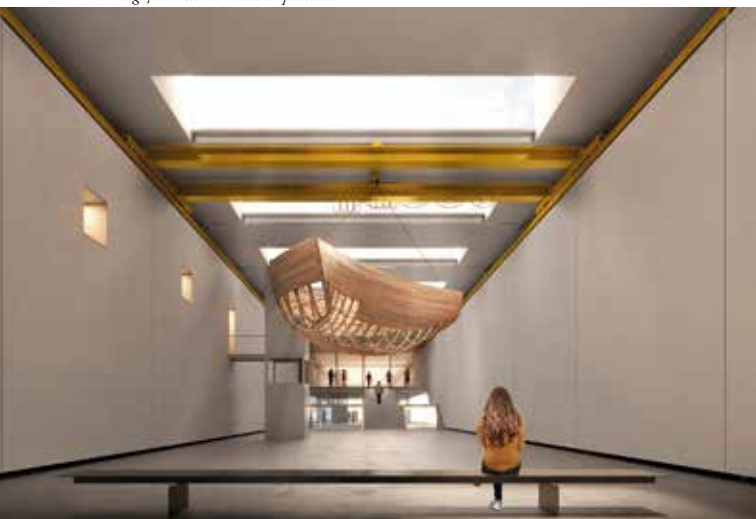
Década do Oceano

Fonte inestimável de recursos, maior ecossistema do planeta e preenchendo 70% da superfície da Terra. Mas sofre com exploração e poluição desenfreadas, mudanças climáticas,



Simulação do projeto vencedor do Museu Marítimo do Brasil (MuMa) desenvolvido pelo escritório Messina/Rivas Arquitetura

Divulgação Messina/Rivas Arquitetura



DPHDM 80 ANOS





acidificação... Esse cenário antagônico no qual o oceano está inserido levou a Organização das Nações Unidas (ONU) a lançar, em 2017, a Década da Ciência Oceânica para o Desenvolvimento Sustentável (ou Década do Oceano), de 2021 a 2030.

Logicamente, o discurso da Marinha do Brasil sempre esteve intimamente relacionado ao mar, seu principal teatro de operações. É estratégico, seja por questões de defesa (programas e projetos operativos); para conscientizar a população sobre o potencial econômico da Zona Econômica Exclusiva (com o conceito da Amazônia Azul); ou por mostrar ao brasileiro o quanto essas águas foram fundamentais para a consolidação da identidade nacional. É neste último ponto que a DPHDM encontra a sintonia entre sua atividade-fim e as ações estratégicas da Força. E onde entra a ONU nisso tudo? No momento em que as entidades nacionais e internacionais voltam seus olhos para esse universo que nos é tão familiar, a sociedade está mais aberta ao que a Marinha tem a dizer e a mostrar.

Modernizar a cultura na Marinha para reforçar o Poder Marítimo

Em 2016, antes da ONU anunciar a década destinada aos oceanos, a DPHDM já começava a se expandir para além das paredes da instituição, focando na divulgação de suas atividades para a sociedade civil. As obras de reestruturação do píer do Espaço Cultural da Marinha lançaram as bases, literalmente, para o início do projeto-piloto do MuMa. Mas apenas reformas físicas não bastavam. Havia a necessidade de uma mudança de mentalidade.

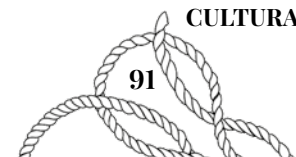
Enquanto principal atividade da Diretoria, a Museologia e seus espaços museais precisavam se modernizar, abordar temas relevantes

para os visitantes de hoje. Com o tempo, assuntos como Sustentabilidade, Biodiversidade e Cidadania foram praticamente ganhando o mesmo peso da História Marítima, a ponto de entrarem para a pauta do novo museu em elaboração. Esse ajuste de foco, na verdade, só reforça o conceito de Poder Marítimo, que é a projeção de poder de uma nação sobre seu mar territorial e suas águas interiores, de modo a explorar conscientemente os recursos naturais e econômicos em prol do desenvolvimento nacional. Daí também vem a ideia de Poder Naval, o braço armado do Poder Marítimo que garante a soberania da nação sobre suas águas. Logo, falar sobre o universo simbólico do mar e toda a construção social que surge da relação do brasileiro com o oceano, rios e lagos também é reforçar a importância da Marinha, pois é a instituição que traz segurança e garante a soberania para esta interação acontecer.

MuMa: primeiro museu marítimo público do Brasil

O Museu Marítimo do Brasil é uma das formas de concretizar a missão institucional da DPHDM. Será o primeiro museu marítimo público brasileiro, em uma iniciativa coordenada pela Marinha do Brasil em parceria com a Diretoria e com o Departamento Cultural do Abrigo do Marinheiro (DCAMN). Pioneiro, será o terceiro do gênero na América Latina.

A etapa inicial consistiu na elaboração do Projeto Executivo de Arquitetura e de Projetos Técnicos Complementares, que abordaram todos os aspectos necessários para a construção da estrutura. A proposta arquitetônica preliminar foi selecionada em um concurso realizado em 2021 com concorrentes do Brasil e do exterior. O projeto vencedor — desenvolvido pelo escritório Messina/



Rivas Arquitetura (São Paulo) e Bem-Avid Studio (Argentina) — planeja a construção de dois prédios distintos. O primeiro, com cinco andares, será próximo ao Passeio Público. Prevê uma ampla área térrea para receber os visitantes, além de auditório, instalações para escolas, área administrativa e um restaurante com vista para a Baía de Guanabara. Já o segundo prédio, no píer, será uma construção sobre pilotis. Ali será efetivamente o museu, com dois pavimentos dedicados às exposições.

Segundo o Vice-Almirante José Carlos Mathias, diretor do Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha, o museu é motivo de orgulho, pois destaca a importância fundamental do mar na história do país: "O mar foi responsável por revelar o Brasil ao mundo, consolidar nossa independência, sustentar pescadores e a indústria do petróleo. Além disso, é o mar que abraça a extensa costa brasileira e atrai turistas de todo o mundo para praias nacionais. É também por meio do mar que mais de 95% do comércio exterior do país é realizado", declara.

Programa Patronos da Cultura Naval

Como mais um resultado da frutífera parceria entre DCAMN e DPHDM e visando estimular a participação da sociedade no fomento à cultura, foi lançado, em 2017, o Programa *Patronos da Cultura Naval*. Por meio de aportes financeiros, uma rede de colaboradores realiza doações diretas ou por via das Leis de Incentivo à Cultura aos projetos da Marinha do Brasil, promovendo a diversidade artística no âmbito da Força.

Para apoiar o programa, as pessoas físicas têm duas opções: o doador faz a sua Decla-



PROGRAMA PATRONOS DA CULTURA NAVAL

ração do Imposto de Renda no modelo completo e pode abater até 6% da quantia devida; ou o patrocínio é direto, ou seja, não há limite estabelecido, o que permite aos apoiadores contribuírem de acordo com sua disponibilidade financeira, porém, o valor não poderá ser abatido do Imposto de Renda.

Já as pessoas jurídicas conseguem destinar a um projeto cultural até 4% do imposto de renda devido e obter dedução total ou parcial, de acordo com a Lei Rouanet. Assim, como no caso das pessoas físicas, a Lei Federal de Incentivo à Cultura disponibiliza dois tipos de aporte: as doações, nas quais há transferência de valores, bens ou serviços, desde que não empregados em publicidade (o principal objetivo do investidor é permitir a execução do projeto, sem a divulgação de sua marca) e os patrocínios (em que ocorre a divulgação da marca da empresa).

Neste apoio, todos ganham. Investir na cultura é importante não apenas para a projeção da imagem das organizações, mas também para a promoção do desenvolvimento social. Gera renda, visibilidade e incentivo para os envolvidos, impulsionando o crescimento e a valorização da cultura local.

Diretrizes para a cultura da Marinha: responsabilidade coletiva e estratégias organizacionais

A visão de futuro adotada pela Marinha na dimensão cultural engloba todas as orga-



nizações militares, não apenas esta Diretoria. Para isso, existem os Objetivos Culturais, que são metas a serem alcançadas em busca desse posicionamento vindouro. Estão descritos nas Diretrizes para a Cultura da Marinha, documento de alto nível produzido pela DPHDM, distribuído às organizações da Força com a finalidade de estimulá-las a inserir a cultura em seus próprios planejamentos estratégicos.

As orientações estão alinhadas à Política Naval e ao Plano Estratégico da Marinha (PEM-2040) que, por sua vez, destacam dois aspectos relacionados à cultura do mar. Um deles é o desenvolvimento da mentalidade marítima como forma de sensibilizar a sociedade para a importância estratégica dos oceanos. O outro diz respeito a como este conceito é aplicado na gestão de pessoas da Força e na forma de aprimorar os recursos humanos dentro desta perspectiva. Envolve os setores de ensino, pesquisa e comunicação social, a fim de potencializar a produção, gestão e difusão de conhecimentos de interesse naval e marítimo.

Além disso, as diretrizes buscam promover colaboração institucional com diferentes níveis do governo e da sociedade, visando incentivar a articulação da Marinha com entidades públicas e privadas, nacionais e estrangeiras, que estejam envolvidas com a história e cultura marítimas. Essa colaboração permite trocas de experiências em prol do enriquecimento cultural.

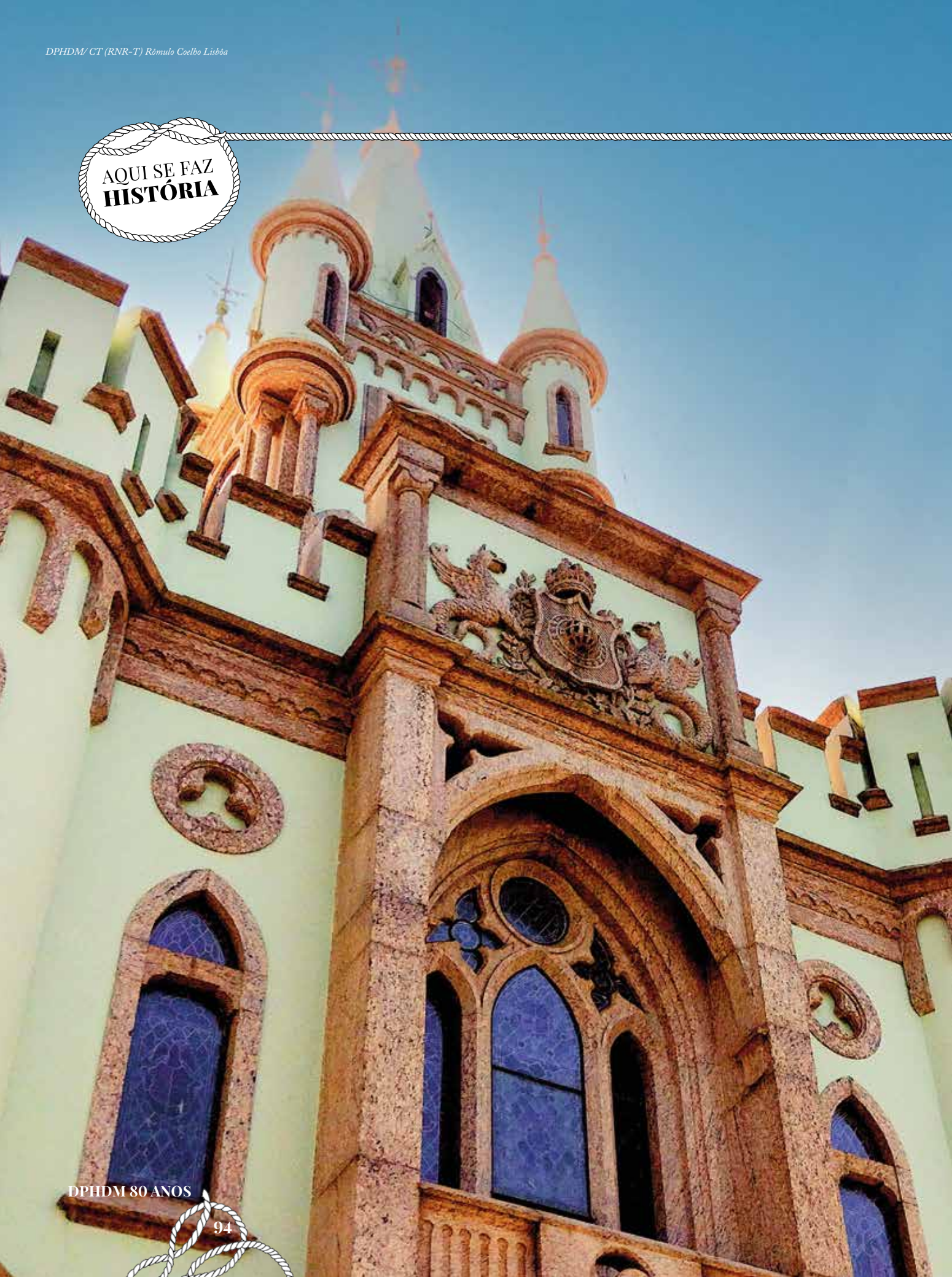
Com essas estratégias, a Marinha reforça seu compromisso com a preservação e divulgação da cultura marítima, fortalecendo o Poder Marítimo. A busca pela colaboração institucional e a promoção de ações conjuntas refletem a responsabilidade coletiva e o trabalho da Força em compartilhar sua história e conhecimento com a sociedade, construindo um futuro sustentável e promissor para os oceanos e para as sociedades que deles dependem. ■

Diretrizes para a Cultura da Marinha: Documento de alto nível produzido pela DPHDM com a finalidade de estimular organizações da Força a inserir a cultura em seus próprios planejamentos estratégicos



As diretrizes buscam promover colaboração institucional com diferentes níveis do governo e da sociedade, visando incentivar a articulação da Marinha com entidades públicas e privadas, nacionais e estrangeiras, que estejam envolvidas com a história e cultura marítimas. Essa colaboração permite trocas de experiências em prol do enriquecimento cultural.

AQUI SE FAZ
HISTÓRIA





Marinha do Brasil reabre visitação   Ilha Fiscal

A histórica Ilha Fiscal, localizada na Baia de Guanabara, na Cidade do Rio de Janeiro, está pronta para receber novamente os visitantes. Após um período de fechamento de um ano e meio para obras de recupera o estrutural, conserva o e restaura o, a Marinha do Brasil reabriu as portas do local no 8 de julho de 2023. Tal como antes da paralisa o das visitas, a atra o segue aberta com três horários de passeios, que partem do Espaço Cultural da Marinha.

Construída a pedido do Imperador Dom Pedro II no final do século XIX para ser posto alfandegário do Porto do Rio de Janeiro, a edifica o possui uma arquitetura em estilo neogótico provençal e arte em cantaria. A ilha também   famosa por ter sido palco do " ltimo Baile do Império", que ocorreu seis dias antes da Procla-

maço da República, em 1889. Transferida para a Marinha do Brasil pelo Ministério da Fazenda em 1913, atualmente faz parte do Complexo Cultural da Marinha mantido pela DPHDM. Com uma média de 40 mil visitantes anuais, conforme dados anteriores   pandemia, o local   uma das principais atra es turísticas da capital carioca.

Entre as novidades, estão a reabertura da exposi o Ilha Fiscal: um neogótico em terras tropicais e a inclusão, no circuito expositivo permanente, da Galeota D. João VI, que volta a ser exibida após dez anos longe do público. Bem de valor inestimável por sua importância arquitet nica, histórica e cultural, a galeota foi tombada pelo Instituto Estadual do Patrimônio Cultural do Rio de Janeiro (INEPAC) em 31 de março de 1978.



1



2



3

1. Um dos vitrais restaurados;

2. Quadro que retrata o último Baile do Império;

3. Exposi o Ilha Fiscal: um neogótico em terras tropicais;

4. Galeota D. João VI exposta em vitrine.



4

Organização:

CF (T) Carlos André Lopes da Silva

Departamento de Publicações e Divulgação:

CMG Jefferson Oliveira de Almeida

Produção Editorial:

CF (T) Ericson Castro de Santana

Projeto gráfico:

1T (RM2-T) Carine Ocko Pieroni

Diagramação:

1T (RM2-T) Carine Ocko Pieroni e 1T (RM2-T) Mariana Viégas

Revisão técnica:

Departamento de História

Revisão ortográfica:

2SG AV-CV Douglas Schelbaner Vargas e SP Denise Coutinho Koracakis

Impressão e acabamento: AS Indústria Gráfica LTDA

D755

DPHDM 80 anos : preservar a memória para construir a História 1943-2023 / organização Carlos André Lopes da Silva. -- Rio de Janeiro: Letras Marítimas, 2023.

94, [2]p.: il. color.

ISBN 978-65-5669-029-2

1. Brasil. Marinha - História. 2. História naval. 3. Patrimônio Histórico. I. Silva, Carlos André Lopes da. II. Diretoria do Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha (Brasil).

CDD - 359.00981

Bibliotecária responsável: Angélica Bebenck Ceron CRB 7/5054





Conheça o catálogo
da Ed. Letras
Marítimas



Assista ao vídeo
comemorativo dos
80 anos da DPHDM



Sou uma jovem senhora apaixonada pelo mar e suas ondas culturais no tempo. Muito prazer, sou a DPHDM, Diretoria do Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha. Sou filha da cultura na Marinha, mas tenho antepassados do início do séc. XIX: a Biblioteca Real da Academia dos Guardas-Marinha de Portugal. Mudei de nome e de casa por várias vezes, mantendo sempre a mesma missão: preservar e difundir a história da Marinha do Brasil. O mundo girou e eu cresci. Estou presente em cinco locais no Corredor Cultural do Centro do Rio de Janeiro mas, como boa marinheira, também estou no mar, em passeios marítimos pela Baía de Guanabara. Conto com o empenho e trabalho hábil de profissionais técnicos em áreas como Arqueologia, Arquivologia, Biblioteconomia, Comunicação Social, Design, História, Museologia, entre militares e servidores públicos, que oferecem o melhor serviço a quem vem me visitar. Assim, venho cruzando o tempo unindo o ontem, o hoje e o amanhã para cumprir aquilo que norteia meu nome e minha existência.

Apoio:



Patrocínio:

